

Vanilda Salignac Mazzoni  
Alícia Duhá Lose  
(Organização)



# Da Sombra à Luz:

seleção de contos  
de Elvira Foepel



**Editora**  
**da UESC**

Editora da UESC



**DA SOMBRA À LUZ:**  
seleção de contos de  
Elvira Foeppe

Vanilda Salignac Mazzoni  
Alícia Duhá Lose  
(Organização)



DA SOMBRA À LUZ:  
seleção de contos de  
Elvira Foepfel

Ilhéus - Bahia  
2005



Editora da UESC

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45650-000 Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (073) 680-5028 - Fax: (073) 689-1126  
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: [editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**

PAULO GANEM SOUTO - GOVERNADOR

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**

ANACI BISPO PAIM - SECRETÁRIA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
SANTA CRUZ**

JOAQUIM BASTOS - REITOR

LOURICE LESSA - VICE-REITORA

**DIRETORA DA EDITUS**

MARIA LUIZA NORA

**PROJETO GRÁFICO E CAPA**

ALENCAR JÚNIOR

**CONSELHO EDITORIAL:**

ANTÔNIO ROBERTO DA PAIXÃO RIBEIRO

DÁRIO AHNERT

DORIVAL DE FREITAS

ERONILDA MARIA GÓIS DE CARVALHO

FERNANDO RIOS DO NASCIMENTO

FRANCOLINO NETO

LINO ARNULFO VIEIRA CINTRA

MARIDALVA SOUZA PENTEADO

MARIA LAURA OLIVEIRA GOMES

MARLEIDE SANTOS OLIVEIRA

PAULO DOS SANTOS TERRA

REINALDO DA SILVA GRAMACHO

ROSANA LOPES

ROZEMERE CARDOSO DE SOUZA

**EQUIPE EDITUS**

**DIRETOR DE POLÍTICA EDITORIAL:** JORGE MORENO; **REVISÃO:** MARIA LUIZA NORA;

**SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO:** MARIA SCHAUN; **COORD. DE DIAGRAMAÇÃO:** ADRIANO

LEMONS; **DESIGN GRÁFICO:** ALENCAR JÚNIOR.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D111 Da sombra à luz : seleção de contos de Elvira Foeppl / Organização Vanilda Salignac Mazzoni, Alicia Duhá Lose. — Ilhéus, Ba : Editus, 2004.  
112p. : il. ; anexos.

ISBN: 85-7455-089-2

1. Foeppl, Elvira Schaun, 1923-1998. 2. Contos brasileiros. 3. Literatura brasileira — Coletânea. 4. Literatura brasileira — Crítica e interpretação. I. Mazzoni, Vanilda Salignac. II. Lose, Alicia Duhá.

CDD 869.9301

As organizadoras dedicam este livro  
a  
todas as pessoas que comungam e corrobora-  
m com o pensamento feminista  
na contemporaneidade,  
a  
Família Salignac,  
a  
Isadora Salignac Mazzoni, e  
a  
Helena Duhá, por ser uma  
grande mulher  
e  
Laura Fernandes Souza, para ser uma  
grande mulher.

E agradecem a  
Profa. Dra. Célia Telles,  
Profa. Dra. Constância Lima Duarte,  
Profa. Dra. Ivia Alves,  
Maria Schaun e  
Editus,  
por acreditarem nas organizadoras  
e na pesquisa científica.

*Não há melhor fragata que um  
livro para nos levar a terras distantes.*

Emily Dickinson (1830-1886)

## Muita luz para Elvira Foepfel

Foi com sincera alegria que aceitei fazer a apresentação deste novo livro de Vanilda Mazzoni e Alícia Lose, que, acredito, será da maior importância para quem estuda a literatura brasileira de autoria feminina, especialmente a da Bahia.

Geralmente, quando se fala de escritoras baianas, os nomes que nos vêm à mente são os de Sonia Coutinho, de Helena Parente Cunha e de Myriam Fraga, entre as contemporâneas, e de Amélia Rodrigues e Ana Ribeiro, entre as mais antigas. De Elvira Foepfel não se costuma lembrar, até porque seus textos desapareceram e se esgotaram nas primeiras edições.

Felizmente, a pesquisa interessante e original empreendida por Vanilda Mazzoni retirou do limbo esta escritora, permitindo-nos conhecer um pouco mais da produção intelectual de nossas mulheres. Este tipo de pesquisa, que empreende o resgate de uma obra e reconstrói uma história de vida, a meu ver, é dos mais importantes, pelo que contribui para o alargamento de nossas letras e acrescenta ao conhecimento da literatura que nos antecedeu.

O mérito do trabalho realizado por Vanilda não se restringe, portanto, à extensa pesquisa empreendida pelos arquivos e bibliotecas do país, à procura de fontes primárias desaparecidas, mas iniciou com a escolha mesmo do objeto de estudo e adquiriu uma dimensão significativa com a cuidadosa recolha de informações e textos literários, e a montagem do grande quebra-cabeça da biografia da escritora.

Elvira Foepfel, podemos agora verificar, antecipa em seus

contos a denúncia de uma certa mística feminina que, nos anos 40 e 50, difundia a idéia de que a felicidade se resumia em ter um marido, cuidar dos filhos e do lar. Afinal, era para isso que as mulheres eram educadas e esse devia ser o único objetivo de suas vidas... Em alguns contos, que lembram Clarice Lispector, temos personagens inadaptadas à vida doméstica, insatisfeitas e deprimidas, marcadas pela náusea, pela rotina e o medo da rejeição. São estes alguns dos temas recorrentes nos contos da autora, além da morte, da velhice e das relações insatisfatórias.

Por tudo isso, concordo com Vanilda Mazzoni quando afirma que Elvira Foeppele merece ocupar novamente um lugar de destaque nas letras nacionais e reitero a importante contribuição que este livro representa para a história da literatura de autoria feminina em nosso país.

Constância Lima Duarte

CONSTÂNCIA LIMA DUARTE é pesquisadora, crítica feminista, Professora com Pós-Doutorado da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG –, e muito tem contribuído para a historiografia literária feminina no Brasil: publicou *Nísia Floresta: vida e obra*, em 1995, além de ter organizado os livros: *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de Nísia Floresta, em 1989; *Literatura do Rio Grande do Norte: Antologia*, em 2000; *Literatura feminina do Rio Grande do Norte: de Nísia Floresta a Zila Mamede*, em 2001; *Correspondência: Nísia Floresta & Auguste Comte*, responsável pela organização, estudo e notas de circunstância, em 2002; e *A rainha do ignoto*, de Emilia Freitas, atualizando o texto, fez a introdução e as notas, em 2003.

## À guisa de apresentação

O trabalho de resgate da obra de Elvira Foepfel resultou neste livro organizado a duas mãos, relativo à publicação de seus contos. Alícia Duhá Lose ocupou-se da edição dos quatorze contos selecionados por Vanilda Salignac Mazzoni. Fê-lo com maestria, utilizando os critérios que lhe permitiram estabelecer um texto fidedigno, oferecendo deles uma edição modernizada.

A parte da obra dispersa de Elvira Foepfel, ora publicada, veio à luz no período de vinte e dois anos, compreendido entre março de 1950 e 1972, em quatro periódicos de divulgação e amenidades: *Carioca* (de 02 de março a 14 de novembro de 1950), *O Cruzeiro* (de 04 de novembro de 1950 a 05 de janeiro de 1952), *A Leitura* (fevereiro de 1960 a janeiro de 1963) e *Importante* (de 1972).

A partir da seleção de textos resultante do trabalho de Vanilda Salignac Mazzoni, Alícia Duhá Lose, procedendo apenas à correção das gralhas tipográficas, mantém o texto original de Elvira Foepfel, trazendo para os leitores contemporâneos o discurso característico da pena da escritora grapiúna. Desse modo, são conservadas as formas lexicais pertinentes ao vocabulário e sobretudo os usos sintáticos que marcam o estilo de Elvira Foepfel.

Esse trabalho cuidadoso de preservação do texto autoral, em uma edição modernizada, mostra o critério filológico que permite ao leitor de nossos dias conhecer a obra de Elvira Foepfel sem interferências da mão do editor. Os contos agora publicados mantêm o estilo de Elvira Foepfel sem retoques, tal como foram

elaborados no momento da sua primeira publicação.

Este livro é mais um resultado da parceria entre os estudos culturais e os estudos filológicos, solidificado pelo trabalho de pesquisa em parceria desenvolvido pelas organizadoras.

Célia Marques Telles

CÉLIA MARQUES TELLES é Doutora em Filologia, Professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Sua linha de pesquisa é a Edição Diplomático-interpretativa do epistolário de Arthur de Salles. Publicou os livros *Arthur de Salles e o 'Dous de Julho'*, juntamente com Nilton Vasco da Gama, Albertina Ribeiro, Hilda Maria de Melo e Teresa Leal G. Pereira, em 1993; em 1981, *Sangue-mau* (de Artur de Salles) em parceria com Nilton Vasco da Gama, Teresa Leal G. Pereira e Luísa Maria V. Vianna; também com Nilton Vasco da Gama, Teresa Leal e Vera Lúcia Britto publicou, *Pequena bibliografia de Filologia Românica*, em 1972, além de inúmeros artigos sobre o tema.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	19
Da sombra à luz: contos dispersos de Elvira FoeppeL.....	21
A escrita de Elvira FoeppeL: critérios para edição.....	27

## CONTOS

1 O TEMOR DE BÁRBARA .....	33
2 VOLTA PRA CASA ÀS SEIS .....	41
3 UMA MENINA LOURA.....	45
4 INDECISÃO.....	49
5 AMOR QUE SE RENOVA.....	57
6 O PRETINHO JOÃO .....	63
7 SEMPRE O AMOR .....	67
8 ROTINA .....	69
9 BREVES MOMENTOS.....	73
10 FUGA.....	81
11 AMOR DE MULHER .....	85
12 FRACASSO .....	91
13 É PRECISO EXPERIMENTAR A MORTE .....	97
14 HOMEM BRANCO NUM MUNDO SEM COR.....	101
ANEXO.....	105



Elvira Foeppel. Rio de Janeiro. [s.d.].  
(Foto cedida por Marta Foeppel)



Elvira, Maria de Lourdes e Maria José  
Foeppel. [s.l.], [s.d.]. (Foto cedida  
por Frederico e Mathildes Foeppel)



Elvira, Maria de Lourdes, Raymundo  
e Maria José. Rio de Janeiro.  
23/01/1960. (Foto cedida por Maria  
José Foeppel)



Maria de Lourdes, Elvira e  
Maria José. Rio de Janeiro.  
[s.d.] (Foto cedida por Maria  
José Foeppel)



Maria Elvira, Elvira, Maria José e Maria  
de Lourdes. Rio de Janeiro. [s.d.] (Foto  
cedida por Maria José Foeppel)



Elvira Foeppel autografando, para um amigo, o romance *Muro frio*, na recepção em sua residência para aqueles que não puderam comparecer ao lançamento oficial do livro. Rio de Janeiro, 1961. (Foto cedida por Marta Foeppel)



Elvira Foeppel. Rio de Janeiro. [s.d.]. (Foto cedida por Marta Foeppel)



Elvira Foeppel no lançamento do romance *Muro frio*. Rio de Janeiro, 1961. (Foto cedida por Marta Foeppel)



Elvira Foeppel recebendo em sua residência os amigos que não puderam comparecer ao lançamento oficial do romance *Muro frio*. Rio de Janeiro, 1961. Nesta foto, a única pessoa identificada pela família Foeppel foi a escritora Nélida Piñon (a segunda, sentada no sofá, da esquerda para a direita). (Foto cedida por Marta Foeppel)

## INTRODUÇÃO

Este livro, que tem como objetivo trazer ao acesso do público contos pouco conhecidos da escritora baiana Elvira Foepfel, inicia-se por um texto intitulado *Da sombra à luz: contos dispersos de Elvira Foepfel* que apresenta uma breve biografia da autora e informações sobre o percurso do trabalho de resgate da sua obra. Segue-se a esse, uma análise da escrita da autora e os critérios utilizados para a preparação dos textos desta edição. Posteriormente, apresentam-se os 14 contos selecionados. Esses contos, todos obtidos através das pesquisas na Biblioteca Nacional e na Biblioteca da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), apresentam temáticas variadas e já haviam sido anteriormente publicados nos periódicos *O Cruzeiro*, *Carioca*, *Leitura e Importante*, entre as décadas de 1940 e 1970.

Por um desejo de que a pesquisa sobre Elvira Foepfel continue com outros pesquisadores, acompanha, ainda, essa edição o *Catálogo Foepfel*, para facilitar os estudos e leitura sobre a produção da escritora, indicando os locais em que se encontram os respectivos textos.

Este livro foi organizado a quatro mãos em função da diversidade de olhares em uma mesma obra: a Vanilda Mazzoni coube a seleção de contos, a leitura e a biobibliografia de Elvira Foepfel, e a Alcía Duhá Lose coube a preparação dos originais, dando o tratamento filológico, a arrumação dos textos e a sugestão da capa.

## Da sombra à luz: contos dispersos de Elvira Foepfel

Elvira Schaun Foepfel<sup>2</sup> nasceu no município de Canavieiras, sul da Bahia, no dia 15 de agosto de 1923, filha de Frederico Afonso Foepfel e Eulina Schaun Foepfel, um casal de ascendência alemã. Ainda nesse ano, a família mudou-se para Ilhéus, Bahia, e, lá, a menina recebeu instrução formal, concluindo o curso de Magistério no Instituto Nossa Senhora da Piedade, das madres ursulinas, em 1942.

Elvira Foepfel começou sua incursão literária ainda em Ilhéus publicando cerca de 22 poemas no jornal *Diário da Tarde*. Em 1947, em busca de novos horizontes para sua vida, Elvira Foepfel mudou-se, definitivamente, para o Rio de Janeiro em 1947, cidade onde faleceu no dia 28 de julho de 1998, aos 74 anos, vítima de várias complicações decorrentes de um acidente vascular cerebral.

---

<sup>2</sup> A *biobibliografia* de Elvira Foepfel foi detalhadamente trabalhada em minha dissertação de mestrado *A violeta grapiúna: vida e produção de Elvira Foepfel*, em 2002, que se tornou um livro publicado pela EDITUS, editora da UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz), Ilhéus-BA, em 2003. Desse primeiro mergulho na biobibliografia da autora retomo agora alguns momentos que me parecem importantes para a construção do seu perfil.

E, em 1947, com a sua transferência, para o Rio de Janeiro, expandiu espaços, mas ganhou muitos adversários, pois, na época, como acontece ainda hoje, para a mulher, as portas não se abriam com facilidade. É bem provável que esses fatos tenham pesado para que a escritora conseguisse se impor.

Sabe-se que Elvira Foepel saiu de Ilhéus sozinha, entretanto, um amigo, funcionário do Exército, esperava-a no Rio de Janeiro para lhe dar apoio, conseguindo-lhe, mais tarde, um emprego como secretária na *Revista Símula Trabalhista*, da Legislação Federal, dirigida por Nelson da Fonseca, na qual chegou ao posto de redatora chefe, cargo em que se aposentou no final dos anos 70, após 30 anos de serviço. Embora tivesse sido aprovada nos concursos do Ministério da Marinha e da Petrobrás, preferiu trabalhar na *Revista*, pois, mesmo sendo em uma ocupação burocrática, poderia dedicar-se à vida literária, concentrando a sua produção entre os anos 1948 e 1970. Portanto, o Rio de Janeiro foi o local escolhido por ela para construir a sua vida intelectual.

Dois anos após a sua chegada ao Rio de Janeiro, Elvira Foepel conseguiu, através de amigos influentes, uma transferência para o pai, Frederico Affonso, que ocupou o posto de chefe da Agência de Correios no bairro da Tijuca. Quase dois anos depois de o pai ter se estabelecido na cidade e estar morando com a escritora, a mãe e os irmãos mudaram-se também para a, então, capital do país.

No Rio de Janeiro, Foepel construiu uma nova vida, tanto pessoal quanto profissional. Conheceu pessoas influentes, sofreu com a perda de seu namorado, o jornalista Wilson Melo, vítima da violência urbana; introduziu-se no meio dos intelectuais da capital por intermédio de alguns de seus conterrâneos, que a ajudaram a se instalar na cidade, como foi o caso dos escritores Abel Pereira, Jorge Medauar, Adonias Filho e o amigo pessoal, Raimundo de Sá Barreto, que costumava visitá-la.

Alguns dos amigos da mesma geração, assim como, outros mais novos, também saíram da cidade de Ilhéus para outros espaços

culturais, como Rio de Janeiro e São Paulo, em busca de oportunidades, que muitos deles não conseguiram. É verdade, também, que eles tiveram instrução e formação profissional (eram advogados, filósofos etc.) que ofereciam maiores chances de fixar residência no sul do país, enquanto esperavam o reconhecimento do público.

Elvira Foepfel, assim como tantos outros escritores e escritoras, não se preocupou com a manutenção de seus originais, não os conservou, não os guardou, pois sequer tinha o hábito de corrigi-los, cabendo às suas irmãs esta tarefa. Aparentemente, não discutia seus textos com ninguém (não houve relatos, durante as entrevistas, de nenhum familiar ou amigo que tivesse sido seu confidente). Não dividia suas expectativas nem as suas ansiedades e angústias, todos esses sentimentos que estão presentes em sua escrita.

No entanto, nos facilitou a pesquisa não utilizando pseudônimos, o que era muito comum na época por se tratar de autoria feminina (possivelmente porque essas escritoras previam as represálias por parte da crítica literária).

Antes de lançar seus livros, Foepfel conquistou um razoável espaço na imprensa carioca, que muito contribuiu para a divulgação de sua produção. Iniciou publicando nas principais revistas e jornais de circulação local e nacional entre os anos 48 e 72, como *O Cruzeiro*, *Leitura*, *Importante*, *Carioca*, jornal *Correio da Manhã*, *Suplemento Literário do Jornal do Brasil*.

A produção intelectual da escritora, resgatada até o momento, compõe-se de 57 publicações, inserindo-se os contos, as poesias, as crônicas, um romance inédito, resenhas literárias e seus três livros publicados *Chão e poesia* (1956), *Círculo do medo* (1960) e *Muro frio* (1961).

Este livro que ora se apresenta é constituído de 14 contos, em um total de 18 contos dispersos, coletados em quatro periódicos da década de 1940 a 1970, publicados no Rio de Janeiro, resgatados em pesquisa na Biblioteca Nacional e na Biblioteca da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Após ter publicado a biografia da escritora Elvira Foeppeel no livro intitulado *A violeta grapiúna: vida e obra de Elvira Foeppeel*, surgiu a necessidade de trazer ao público leitor – aquele re-criado depois da circulação não só na academia, mas também fora dela, o leitor atraído pela história da vida da escritora – os contos encontrados durante a pesquisa para a dissertação de Mestrado, cujo tema foi o levantamento biográfico e a obra de Elvira Foeppeel e, no Doutorado, o tema expandiu-se para a análise desses textos. Daí nasceu esta coletânea, baseada em uma seleção sem critérios específicos, apenas respeitando o ano de publicação dos contos. Dentre os dezoito contos catalogados, apenas 14 puderam ser agora reeditados porque alguns dos textos já apresentavam danos no suporte, estando com partes ilegíveis, devido ao estado em que se encontrava o papel, outros por estarem em revistas que tiveram páginas perdidas, estando, assim, incompletos.

Neste importante momento da discussão temática e da pesquisa sobre a autoria feminina no Brasil, faz-se necessário esclarecer a importância das fontes primárias para a constituição de um objeto científico.

Por ter sido uma pesquisa acadêmica, cujo objetivo era levantar o percurso intelectual, biográfico e da obra de Elvira Foeppeel, foi necessário recorrer ao universo das fontes secundárias para instituir a história e isso muito me auxiliou na pesquisa para encontrar os textos, pois recebi, através da família, os três livros publicados pela autora. No entanto, não bastou contar com o apoio dos familiares para a localização dos contos publicados nas diversas revistas do Rio de Janeiro, espaço bastante concorrido pelos escritores da época. Era usual a publicação de textos literários inseridos nos periódicos que tratavam de generalidades, portanto, é muito comum encontrarmos a produção dispersa de vários escritores nesses periódicos publicados até os anos 70, e que, muitas vezes, constituem grande parte da produção intelectual de um autor. Há autores que lançaram apenas um, ou não lançaram livro algum, e têm uma considerável produção dispersa em periódicos. Por isso

mesmo é tão importante esse tipo de pesquisa.

Foi necessário iniciar uma busca dos textos no local mais plausível: as bibliotecas do Rio de Janeiro, porque essa cidade foi o local escolhido pela escritora para morar e, conseqüentemente, produzir seus textos.

A publicação deste livro com uma seleção de parte da produção intelectual de Elvira Foeppe, pós-reconstituição de sua biografia é mais um passo na constituição de seu acervo.

Esta seleção tem grande importância para a história da autoria feminina no Brasil, pois constituir acervos de escritoras é muito difícil, uma vez que é dada pouca importância à autoria feminina, seja pela escassez de textos críticos sobre a produção, seja pela falta dos manuscritos ou mesmo da disposição, nas bibliotecas, dos livros publicados, seja pelo interesse na pesquisa. Além disso, há toda a dificuldade que envolve a questão dos acervos: o seu acesso, sua organização, a deliberação sobre o fato de reconhecer a quem cabe, de fato e de direito, o poder de assegurar a permanência do arquivo gerado pelo acervo de escritoras(es) em um tempo atual e, o mais importante, a possibilidade de que ele fique disponível, no futuro, para que possa fazer sentido a sua preservação, objetivando a continuação da circulação das publicações das(os) escritoras(es) resgatadas(os).

Vanilda Salignac Mazzoni

## A escrita de Elvira Foeppeel: critérios para edição

Debruçar-se sobre um acervo requer muita cautela, constituir um, então, requer cautela em dobro. Tudo o que diz respeito ao artista ou à personalidade em questão deve ser levado em conta para posterior análise. E é a partir dessas análises que se fazem as seleções do que pode e do que deve ser trabalhado, divulgado, levando sempre em conta a relevância e sobretudo a ética.

Além dos documentos pessoais, que interessam sobretudo aos biógrafos, mas não apenas a esses, um acervo pode conter, no caso de autores literários, entre outras muitas coisas, materiais éditos ou inéditos.<sup>3</sup> Em se tratando dos inéditos, a cautela ficará, sobretudo, em torno da questão de dever ou não trazê-los à luz, saber se eles deixaram de ser publicados por vontade explícita do autor – o que, no entanto, não impediria a sua edição –, ou se não o foram por outra razão qualquer, se têm valor artístico ou não – o que também não impediria a sua edição –, além de uma infinidade de outras questões.

---

<sup>3</sup> Cf. LOSE, Alícia Duhá. *Arthur de Salles: esboços e rascunhos*, 2004, 265f. + anexos + CD. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador. p. 4-16.

No caso dos materiais éditos, questões como o local e a data da publicação, as características do material – saber se se trata de livro, revista, jornal –, os objetivos da publicação, devem ser levadas em conta para que, somente depois, possam ser analisadas as características particulares do material escrito propriamente dito.

Para esta publicação foram selecionados contos, todos anteriormente publicados em periódicos de variedades, direcionados especialmente a mulheres, muito comuns nas décadas de 1940 a 1960. Estes periódicos traziam, entre diversas outras coisas, textos literários, para o deleite e a ampliação cultural das senhoras que os liam. Desta forma, os contos aqui presentes foram eleitos para uma republicação sem maiores problemas.

Nossos cuidados, no entanto, caíram sobre a qualidade estética e a escrita desses contos, já que não se pode perder de vista o fato de eles terem sido publicados em outra época e com objetivos outros que não os puramente literários.

Nos contos de Elvira Foepfel há de se levar em consideração, além do conteúdo apresentado, a linguagem, que traz diversas peculiaridades. Normalmente ela é impregnada de verbos de ação e, nos casos em que há descrição da natureza, a linguagem está associada às sensações da personagem, espelhando-as.

É importante atentar, também, para a forma como são empregados sistematicamente adjetivos e substantivos. Em muitos casos, os substantivos são seguidos por dois ou por três adjetivos, que se apresentam em compasso binário ou em ternário (lembrando a cadência de uma valsa), dando um ritmo todo especial à prosa, ou por verbos no participio com função adjetiva, cumprindo o mesmo objetivo. Estes recursos podem ser vistos no conto “Indecisão”, onde se tem, por exemplo: “Aquele instante recambiava vida profunda, intensa, forte”, “[...] dizendo palavras usadas e gastas”, “Não sabia nada o coitado, tinha uns olhos grandes, fixos, pensativos e mãos paradas”, “[...] pelos cabelos compridos, louros e macios”, “[...] e o sorriso constante, enorme, fugindo da boca fina [...]”.

Algumas frases, que merecem da autora maior destaque, são

reiterativas, com ênfase dada pela repetição, como se lê a seguir: “Sensação tão intensa e absorvente, impedindo uma respiração normal e uma visão normal e uma conversa normal, impossível [...]”, “Ele foi ficando, mais um dia, mais uma tarde, mais uma semana, e sem imaginar no prejuízo que acarretaria para a execução da sua história [...]” (reiteração de tempo).

As comparações ora demonstram segurança – “[...] como uma rama no chão fresco, pelo menos assim de repente [...]”, “[...] como mato nascendo à chuva, sem cuidados [...]”, “[...] seguros e firmes como rochas granitadas [...]” – ora demonstram a fragilidade das coisas – “Sentia-se somente, assim, como alguém que perde de rápido uma fortuna e ver-se cercado, apenas de objetos e figuras raras [...]”.

Outro recurso utilizado pela autora é a quebra de paralelismo, que aparece em períodos como: “Sentia-se somente, assim, como alguém que perde de rápido uma fortuna e ver-se cercado, apenas de objetos e figuras raras, trazendo presente a certeza da riqueza que existira e os bolsos vazios e os cheques sem fundos”.

Em relação ao pensamento, pode-se perceber que a linguagem demonstra uma sutil ironia, uma vez que seu discurso, normalmente, é o de mulheres em desequilíbrio emocional, tentando desafiar o código burguês de comportamento, mesmo tendo a consciência de que isso é impossível sem se ter de pagar um preço muito alto: o olhar do Outro a lhe avaliar, o que faz com que elas esmoreçam e aceitem o papel que lhes é imposto.

Verificou-se, também, que alguns casos de sintaxe e ortografia distintas da usual, que estão presentes ao longo dos contos de Elvira Foeppe, salvo absoluta exceção para o conto “Fracasso”, não podem ser atribuídos em sua totalidade a uma questão estilística, a características próprias da criação autoral. Em uma época em que a imprensa não gozava da tecnologia de que dispõe nos dias de hoje, é provável que algumas dissonâncias gramaticais sejam devidas simplesmente a erros tipográficos ou descuidos de revisão. Ou mesmo erros autorais, já que a primeira revisão dos textos de

Elvira Foepfel, a dos originais, era feita, segundo declarou Maria de Lourdes Schaun Foepfel, pelas irmãs da autora, sem que essa se preocupasse em verificá-la posteriormente.

Assim sendo, após a coleta e a seleção dos contos, foi feita a análise da escrita e a sua padronização sintática e ortográfica, respeitando-se, no entanto, os casos, como os citados acima, em que é patente a questão estilística, ou seja, quando a forma diversa da solicitada pela norma culta foi interpretada como opção consciente e proposital da autora. Portanto, para esta edição, as grafias dissonantes foram alteradas, sendo substituídas pela forma corrente em língua portuguesa contemporânea, os neologismos, por sua vez, quando detectados como eleição deliberada do estilo da autora, foram mantidos. A pontuação, que parece ter um padrão bem determinado na escrita de Elvira Foepfel, foi respeitada, sendo alterados apenas aqueles casos em que comprometia a compreensão do leitor.

Como um padrão, a autora usa poucas vírgulas, dispensando-as mesmo quando seriam necessárias pelo que rege a gramática normativa. Outra constante, desta vez no que tange à colocação pronominal, é o uso prioritário de próclise, à semelhança da linguagem oral, o que dá, por vezes, ao texto um tom coloquial.

Da mesma forma, percebe-se na escrita de Foepfel a utilização exclusiva das formas demonstrativas *este* e *isto*, mesmo quando a norma culta determina o uso de *esse* e *isso*.

Exemplos do que se fala podem ser vistos nos trechos destacados a seguir. Neologismos são encontrados em vários dos contos selecionados, como se pode ver em “Amor que se renova”, publicado revista *Carioca*, em 1950: “[...] a *multibilidade* emocional [...]” e “[...] sua maneira *acomodativa* para ele [...]”.

O conto “Fracasso”, publicado em 1960 na Revista *Leitura*, como já se disse, apresenta um estilo bastante peculiar. Toda a paragrafação é marcada apenas pelo ponto parágrafo, iniciando-se a linha seguinte sem recuo e sem inicial maiúscula, a exemplo do que faz atualmente o escritor português José Saramago. Também

foram dispensados, quase que na totalidade, os conectivos – “[...] enfia mãos à cata de dezenas de comprimidos no bolso para dor de estômago, entra cansaço antes da noite, caminha, caminha, coragem de andar, ir ao povoado acertar compromisso. [...]” – assim como diversos artigos onde seria usual encontrá-los – “[...] o homem de partida dá aceno seco, curto. [...]”. Especialmente nesse conto, são encontrados erros ortográficos grosseiros, como os dos exemplos a seguir: “[...] barriga articulando *cadências* ligeiras, [...]”, “[...] prece lenta, *espixada*, [...]”, “[...] um *catavento* móvel muito alto e grande [...]”, sendo estes corrigidos.

Por se julgar que, à exceção dos erros ortográficos, todos os outros aspectos se trata de opção deliberada da autora para fins estilísticos, esse conto não sofreu retoques para a edição que ora se apresenta.

Em função de questões como essas, a diagramação dos textos, no que tange à divisão e recuo de parágrafos, foi mantida sempre que possível. Ainda com a intenção de manter a maior proximidade possível com a publicação original dos contos, quando estes foram acompanhados de alguma ilustração, e nos foi possível obtê-la, ela foi aqui reproduzida. Pois, merecedor de nota é o fato de Elvira Foepfel ter textos seus ilustrados por alguns dos maiores ilustradores da época, como André Le Blanc, que ilustrou vários contos, alguns dos quais se encontram nesta seleção, e Santa Rosa, que ilustrou o livro *Chão e poesia*, publicado em 1956.

Estabelecendo esses critérios e padrões, tenciona-se dar ao leitor a oportunidade de ter um texto fidedigno, que retrate a criação autoral na sua totalidade.

Alícia Duhá Lose



# 1

## O TEMOR DE BÁRBARA<sup>4</sup>

APESAR de estar escuro, somente claridade vinda de fora, de restos fugitivos de lua, pôde ver os vultos sobre as camas em distâncias regulares e simétricas, cobertos de lençóis brancos. Nenhum ruído trazendo vida, todos dormiam plácidos, o sofrimento esquecido dentro do sono. Ela não podia fechar os olhos e esquecer. Sua dor era maior, bem maior, porque não somente física, era ainda medo, angústia e agonia em crises prolongadas e se crescendo até um desespero mudo e terrível. Não tinha a quem relatar o temor que invadia os seus sentidos como água de chuva caindo sobre poço seco, suas dúvidas, seus receios e quase a certeza chegando violenta como garra de fogo, fechando sua cabeça, matando qualquer raciocínio, apagando seus pensamentos claros. E depois ninguém estava sendo amigo, todos primavam por mostrar um busto sorridente, conversar fluente e muita alegria nos gestos estudados; ninguém. Nem os médicos, nem as enfermeiras. Não adiantava quase gritar para eles que ele não se incomodava de saber... Na verdade estava

---

<sup>4</sup> FOEPPPEL, Elvira. *Carioca*, 02/03/50. p. 14, 58, 59 e 62. (Ilustr. por J. Ribeiro)

muito moça e queria viver, oh como achava agora a vida um bem supremo, uma beleza tão forte e intensa como de uma floresta e se sentia tão frágil ante tal grandiosidade, mas, seria melhor que eles dissessem à família. Da mesma maneira que se toma amor à vida, da mesma forma pode-se esquecer o olhar com pupilas cegas tudo que é vida. O processo podia ser fácil para ela. Era tão impulsiva e tão orgulhosa de vontade firme vontade, que rapidamente se acomodaria, mas ficar assim ignorada, enganada como se ainda fosse criança, era horrível. Queria saber, e quanto mais depressa melhor. Depois, o seu amor a Carlos. Como deixá-lo acorrentado assim por tênue esperança, seria mais fácil para ela dizer palavras meigas, um carinho solto dirigido aos seus cabelos, e ainda algumas frases sem amarguras, tudo manso, sutil, como nuvem, e terminar, abrindo caminho para outras, outras que não sofressem de um mal sem cura. Tinha medo até de pensar isto. Mas já devia ir se acostumando. Já era mulher e devia ser forte como sua mãe. Apesar de nenhum daqueles médicos terem falado sobre a qualidade de sua moléstia ela sabia, pelo menos tinha medo de saber. Fora àquele hospital depois de uma grande luta íntima, consigo mesma. Mas seu casamento estava cada vez mais próximo e não achava mais motivos para prorrogá-lo. Carlos se impacientava e duvidava de seu amor tão grande amor que bastava sabê-lo vivo, existente em alguma parte, para ter dado graças por ter nascido, por ter vida e ter sentidos novos e corpo novo, e oportunidade de ouvir-lhe a voz e vê-lo. [...] e tanta coisa má acontecia, ele se tornava bruto como animal em toca, preso de ciúme e ela sem poder dizer nada, senão sorrir um triste e pequeno sorriso sem esperança. Tinha medo de expor seus receios e Carlos resolver enfrentá-los, não fugir, pelo contrário, se destruir ligado ao seu corpo doente. Ele era bem capaz disso. Que fazer?

A noite vivia tal uma preguiça se deslizando em lentos movimentos, demorada, comprida, interminável. Nunca antes estivera num hospital e não tinha idéia do silêncio e da opressão durante as noites, um silêncio doentio e nervoso, um cheiro vivo de éter, clorofór-

mio, e sangue. Era a quarta noite. Insone, mastigando pensamentos velhos, insolúveis. Apressou a imaginação para encher o vácuo dos minutos longos, e ficou tecendo história para cada uma daquelas mulheres que pareciam mergulhadas num sono sem preocupações e sem dores. Durante o dia era um vozerio de lamentos, gritos e imprecações contra a sorte, o destino e Deus. Agora estavam todas silenciosas, distantes e pareciam crianças dormitando. Teve inveja de cada uma delas, fosse quem fosse. Ao menos se pudesse dormir e esquecer no sono. Não queria se desesperar. Qualquer dia teria mesmo que saber. Eles teriam que dizer alguma coisa. Contanto que não avisassem a Carlos. Procurou fitar a vizinha da direita e distinguir suas feições naquela obscuridade, mas não conseguiu senão deslumbrar a cabeleira desmanchada sobre o travesseiro bem branco e um rosto alvo, muito alvo e pálido. Ela viera dois dias antes numa padiola, em gritos de animal ferido e parecia um amontoado de carnes em convulsões grotescas, o corpo dobrado em dois, retorcido, lembrando uma figura frustrada de espiral, e pôde ver o rosto muito branco e muito belo e era uma máscara de dor absurda e forte. Agora ela dormia descansada, calma, e ficando bem, o seu corpo estava parado, quieto sobre o lençol, e somente uma respiração mansa e demorada, lenta, como compassada pêndula de relógio grande. Quem diria que ela acabaria por ficar assim, num sono leve, despreocupado, quase curada, sem dor e sofrimento, decorridas quarenta e oito horas somente?

– É preciso não desesperar e aguardar os acontecimentos, repetia-se inúmeras vezes numa tentativa de convicção e de certeza. A vida não é mais que alternativa de minutos diferentes e o silêncio como pausa entre a mudança de um e outro.

Bárbara sorriu levemente no escuro, um sorriso apagado, sem mobilidade de feições, um sorriso parado, estagnado, como se preparado, ajustado para fixação numa tela. Um sorriso comprido, longo, que permaneceu um tempo enorme. Imaginou seu rosto menos hostil com a presença daquele sorriso mingüado e triste. Quando chegaria a dormir? Indagava-se intermitentemente. Tão dolorosa

esta insônia de três noites seguidas. Tantas tentativas e jurava-se que na próxima noite dormiria e quedava assim: olhos pregados, trancados, mãos nervosas em compressões até a dor, e pensamentos voltando fixos em redemoinhos de confusão, destruindo paz, aquela de sua meninice. Não adiantava qualquer esforço para dormir. Tentara esvaziar o cérebro de idéias quaisquer, ficar vazia de ruídos internos como se ela não fosse mais do que uma forma compacta, integral, vivendo autômata sem vida central e íntima. Nada. Dentro dela tudo era inquietação, nervosismo, angústia seca. Não tinha certeza sobre o seu mal. Mas se fosse realmente o que pensava... ele crescia e se fixava no seu corpo, implacável, se desenvolvendo cada vez mais e então... as dores chegariam tão violentas que impediriam sua respiração e ficaria à espera da morte revolvida em punhaladas de dor até a destruição dos tecidos. Não era possível. Olhava seu corpo tantas vezes e não via nenhuma mancha, apalpava-o com forte pressão e não sentia dor. Mas qualquer coisa horrorosa como um polvo devia estar se desenvolvendo no seu seio tão rijo e moço. Pelo menos pensava. Nos últimos dias lia quase todas as revistas médicas que falavam sobre o mal e analisava com frieza e lógica matemática, estudando índices estatísticos de óbitos provocados por ele e o baixo nível dos curados. Ela propriamente não acreditava na cura. Aquelas pessoas que se diziam curadas, para ela, não passavam de um erro de diagnóstico. O mal era terrível e destes que levam à ruína o corpo são. Oh, meu Deus, estava tão jovem ainda, desejara tanto ser mulher para agir por si própria e ter destino seu, liberdade para conduzir sua vida e elaborar seus pensamentos e agora, parecia que tudo ia ser perdido, seus sonhos mortos e emurchecidos antes de poder vivê-los intensamente e pior que tudo, seu amor tão firme como rochedo, trazendo amor, tristeza e agonia para os sentidos tão ricos de sensibilidade. Esperara pelo amor com ansiedade e receio de enganar-se. Agora que almejava viver, este susto, esta dúvida, e medo de saber... poderia estar enganada, afinal baseava-se em hipóteses e nenhum médico dissera nada. Cada dia surgia um rosto diferente e um médico

diferente. Acreditava mesmo que todos os do Hospital tinham-na visto e auscultado, sem afirmarem coisa alguma. Faziam uma série de perguntas, sempre as mesmas e já estava cansada de responder e esperar. Quando ousava indagar diretamente sobre sua doença, eles sorriam estranhos e diziam:

– Não se pode saber nada. Está sob observação toda esta semana e somente depois de uma continuidade de exames se poderá esclarecer alguma coisa. Mas não se preocupe, menina, você não deve ter “grande coisa”.

Bárbara procurava olhar melhor para eles e ver se distinguiu através de um olhar, uma palavra qualquer, um gesto – um indício que conduzisse à verdade. Inútil. Primavam por semelhança de atitude e por uma máscara fixa e uniforme, que ela ficava na expectativa, aguardando sempre não sabia mesmo o quê? No dia anterior, lembrava-se agora, sentira um esquisito desejo de fuga, desaparecer e ir dali o mais rápido, para qualquer lugar desconhecido, de caras desconhecidas, que nada soubessem dela, que não tivessem piedade, cuidados, nem amor. E então viver unicamente, viver, sem preocupar-se, como se nada a estivesse ameaçando, como na sua adolescência, leve, impulsiva, sem racionar e indagar sobre as coisas e as criaturas, viver somente como vive um peixe, como vive um molusco .... Se o mal dormisse nela e se arraigasse como uma raiz no subsolo, que destruísse o seu pequenino corpo sem que ela soubesse, sem que ela analisasse e fizesse relatórios do seu desenvolvimento e suas quedas maiores. Ela queria estar inconsciente e que a morte se tivesse de chegar por “ele”, por aquele mal, a pegasse de surpresa e então... somente um grande e único receio. Mas sofrer assim nesta angústia e incerteza! Que importava que o dia raiasse amanhã? Que a luz cobrisse a superfície de tudo, que as vozes destruíssem o silêncio? Para ela seria o mesmo anseio, a mesma agonia e o desejo, absurdo de saber... Nenhum ruído, nem de bondes, nem de pneumáticos no asfalto, nem de freios, nem conversas truncadas, nada. Aquele hospital ficava mesmo no fim do mundo.

Tivera esperança naquela manhã. Isto é, esperança de saber enfim... O médico que a vinha visitar tinha fama de brusco, de sério e de frio, e dizia a verdade por mais dura que fosse... Mas... quando o indagou ele teve apenas um gesto impaciente com a mão e enrijeceu a máscara do rosto largo, de queixo grosso e olhos grandes, fixos, duros. E disse apenas como quem repete um estribilho de canção: – A senhora é muito impressionável! E nervosa. Procure dormir e não pensar. Absoluto descanso mental e físico. Não adianta nada a senhora estar recolhida neste leito e gastar-se em energias de caráter psíquico. Acredito num exagero de sintomas baseado unicamente, em sugestão, auto-sugestão por sinal. No meu exame clínico, apesar de um pouco apressado não vi realmente nada, pouca pressão, bem baixa, que por si denota crise de nervosismo intenso e nada mais. Deve dormir, dormir bastante.

Bárbara desejou quebrar o regulamento do hospital e ir até lá fora, na noite densa. Se ao menos pudesse andar e receber um pouco de ar frio, talvez então pudesse dormir. Mas aquele silêncio e ar abafado, aqueles corpos rígidos sobre os leitos brancos, aquele relógio grande do corredor e que se deixava ouvir num tic-tac ritmado, compassado, igual, monótono: em pancadas tão regulares, tão nítidas que lembravam gotas grossas de chuva sobre a folha de zinco em relativa distância. Se realmente pudesse chegar à janela ao menos, e olhar as estrelas e o recorte de lua e as árvores imensas espalhadas por todo aquele grande pedaço de terra, ficaria mais calma, se sentiria um pouco feliz! Mas aquele silêncio enorme, grandioso, fazia mal. Nenhuma daquelas mulheres gemia, pareciam mortas na rigidez distendidas. Nenhum som vivo. Sentiria tristeza aguda perfurando-a numa sensação fina de isolamento como a pua na madeira mole. E de repente reconheceu-se velha, cansada, sozinha, apesar de poder fitar todas aquelas mulheres estranhas. Durante o dia imprecações contra as misérias da vida e contra o destino. Durante a noite um dormir sossegado, lento. Para Bárbara o mundo se tinha tornado pequeno, como se existisse apenas através daquele círculo que as fechava ali, prisioneiros. E nenhum passado, somente o presente

vazio, de sons, imagens. Que adiantava gastar-se em temores e receios? Tudo seguiria a sua marcha independente de sua vontade. Ela não saberia de coisa alguma, senão no tempo devido, ninguém saberia tampouco, isto mal bastaria para aquietá-la naquela noite demorada? E se realmente o fim estivesse próximo? Nada mais importava. Amaria Carlos enquanto ele quisesse ser amado. Por que interromper agora? Afinal não era um mal contagioso, somente tristeza e nenhuma alegria de vida. Bastaria para um homem moço? Poderia fingir-se feliz, despreocupada, brejeira, como na sua adolescência? O amor exige e pede tudo. Era preciso dar, dar muito. Bárbara reiniciou suas orações sempre interrompidas... Quantas vezes partira a Ave Maria, intercalando pensamentos de revolta e vendo brotar aquela necessidade de viver, viver forte, seus sentidos dispersos, crepitantes como labaredas? Outros pensamentos chegando, irrompendo, destruindo a ordem das palavras textuais, quebrando a emoção inicial, e uma chama de ódio nascendo inutilizando o oco no seu coração? Agora repetia baixinho novamente numa prece sua, surgida de momento.

– Meu Deus, perdoai-me essa incapacidade para confiar, e dai-me paz. Quero aprender a viver bem, viver melhor.

Olhou sua outra vizinha lateral. Parecia desperta apesar dos olhos parados semicerrados. Chegara naquela manhã e tinha uma beleza forte, sensual, gritante. A única que não chorara, nem soltara sequer um gemido. Tal a quietude de corpo que metia medo. Somente os olhos tinham vida intensa, forte, um brilho fixo, poderoso. Durante todo dia as únicas palavras pronunciadas por aqueles lábios pálidos, descoloridos, foram monossílabos às enfermeiras de serviço. Nem os médicos (que demonstravam interesse em comum, devido naturalmente à beleza agreste, insinuante, beleza perigosa da moça) conseguiram ouvir sua história. Ela nem os fitou. Desde que chegara Bárbara prestou-lhe atenção e sentiu perigo de emoção rasgando em tragédia aquele silêncio obstinado e cru que era uma afirmação de continuidade da agonia e desespero de antes. Murmurava-se pelos corredores que era uma suicida e que viera em

estado desesperador sem esperanças. Não deixara nenhuma carta, nenhum documento que a identificasse. Ninguém conseguira o seu segredo. Estava quieta, parada, introvertida, e mais parecia um molde ou manequim. E muito bela apesar da palidez do rosto e do arroxeadado da boca comprida em rictos, dando-lhe um aspecto de maldade e dureza. Bárbara gostaria de falar com ela. Deveria ser uma alma irmã. Queria saber um pouco daquela vida, seus complexos, suas falhas, suas decepções, conhecer de perto a argamassa de uma personalidade diferente, forte. Queria sim, poder desabafar seus temores, suas agonias, com aquela mulher que se apresentava tão antiga e cansada do mundo, das coisas todas. Mas não fez sequer uma tentativa. Sentiu-se tímida ante aquele desespero mudo que lhe parecia mais terrível e doloroso que o seu. Pensou em um sorriso mais longo em toda fase dirigida para cima. E fechou os olhos esperando o sono, com a sensação de quem espera um trem, um avião que nos leva longe, para uma vida, outra.\*

---

\* Mantivemos, em todos os textos, a ortografia, inclusive os possíveis erros, e a diagramação de sua publicação original. (Vanilda e Alícia)



## 2

### VOLTA PRA CASA ÀS SEIS...<sup>5</sup>

EM frente ao elevador uma “bicha” gigantesca. Passei a distância e me resolvi pelos quatro lances de escada. Corri apressada a outra “bicha” escandalosamente acrescida em frente ao ônibus que me levaria a Casa (impossível desta vez passar ao largo, os táxis pela hora da morte) e ocupei o meu lugar. Espera interminável. Começara minha tragédia daquele dia...

Os minutos deslizavam sonolentos. Quinze já passados inativos. Fim de tarde no seu limite extremo, a noite chegando, invadindo de negrume todo o espaço. Olhei para cima, para as nuvens ainda claras que se moviam destacadas do fundo escuro, e procurei distrair-me imaginando figuras diversas que se formavam e se desmanchavam naqueles segundos. Era melhor do que escutar conversas truncadas, idiotas...

Na parte leste, em duas nuvens largas que se encontravam em diminuto istmo descobri estrias avermelhadas que escureciam rapidamente e se difundiam no negro e enquanto dirigia o olhar

---

<sup>5</sup> FOEPPPEL, Elvira. Volta pra casa às seis. *Carioca*, 23/03/50, p. 6 e 58. (Ilustr. por J. Ribeiro)

para mais longe um pouco, elas se afastaram e o pequeno istmo tão esgarçado se desfez, tomando, cada uma, rumo diferente. Não pude todavia concentrar-me toda através de minhas visões, porquanto vozes diferentes, estridentes e fortes se faziam ouvir nítidas, perto, e uma atenção auditiva despertou equilibrando à outra. Duas moças vizinhas com cabelos tão curtos e raspados que lembravam de costas, duas cabeças de rapazes, conversavam, aliás para dizer a verdade, uma delas falava, alto, de timbre agressivo, sua maneira própria de falar, pude constatar depois.

– Hoje Roberto telefonou avisando que não podia apanhar-me. Seu stud-baker está na oficina com qualquer defeito na caixa de mudanças e freios gastos, quer ver se o tem em mão até sábado. Veja que horror! Há mais de uma hora (nestas ocasiões até o mais santo cristão do mundo exagera a quantidade de tempo que se leva parado à espera) que estou nesta fila. Telefonei ao Luís Edmundo mas ele não estava no escritório. Que fazer senão esperar? E o seu Mário como vai? Soube por Levina que vocês brigaram durante o carnaval e que ele se esbaldou no Municipal. Estava louca para encontrar-me com você para saber. O que foi mesmo que houve? Esses homens não valem nada mesmo. Quando digo que o melhor é não se prender a nenhum. Quanto tempo perdeu com ele? Imagine se o Roberto ficar sem carro sábado, que farei?

Observei a outra que escutava sorridente, um sorriso simples e bom. Pude ver que era uma mulher inteligente e senhora de si, nada fútil e tola. Muito calma, não dizia nada, nenhuma manifestação de enfado. Invejei-a no seu controle. Eu não agüentaria.

– Aquele filme do Vitória é um bom negócio para se assistir com um namorado, porque sozinha, ninguém agüenta até o fim. Você já viu? Estes americanos só sabem mesmo fazer publicidade, não vê o que estão fazendo com a pobre da Ingrid Bergman? Muita conversa, muita confusão, isto sim. “Adoro” os filmes franceses, eles sabem fazer cinema, apresentam a realidade nua e crua. Muita verdade, nada de fantasia. Você não acha querida?

O rosário de frases crescia. Acumulavam-se umas sobre outras sem

resposta. Sem despregar os olhos do céu vi uma quantidade enorme de vultos como se caminhassem numa romaria sobre chão escuro, e um pouco afastado, um camelo preguiçoso e lento. Durante segundos não pensei em nada mais que naquele regimento de vultos de cabeças cobertas por turbantes e associei-me ao deserto enorme e calorento da África. Continuei ficando e logo mais, tinha se desfeito toda aquela imensidade de gente correndo e agora aquela mesma nuvem amorenada lembrava uma mulher deitada com toda a cabeleira desfeita e solta, espalhada num mar muito negro, com seios semidespidos, bela, muito bela, assim... Tinha o olhar fixo naquela visão, mas no outro segundo tudo tinha desaparecido, um vento leve como sopro desfazendo, desmanchando... Do meu lado a conversa se animava. Falavam de uma vizinha de apartamento. – Mas neste mundo tem de tudo; a Isaura tem mania de ser santinha e melhor que as outras, você sim, aquela loura de olhos escuros ingênuos e voz amanteigada do apartamento 205, pegado ao de casa, ou será que não a viu ainda quando estive lá na última vez porque ela é bem novata no edifício. É, você deve saber quem é, muito pálida e tolinha, pois bem, sabe de uma coisa? Um cavaleiro (não me recordo do nome) todas as noitinhas vai visitá-la com um pacotinho de chocolate e flores, ela cheia de medidas, toda prosa. Você sabe que ela trabalha numa Casa Bancária, na sessão de Contabilidade? Pois é, esta gerente tem mania de querer fazer dos outros idiotas. Eu é que não vou nesta.

A fila aumentava e nenhum ônibus à vista. Estava ficando nervosa, mas o melhor era não me irritar. Nenhuma revista para ler. Estava já mais escuro inutilizando assim o meu jogo de visão, tinha que ficar escutando aquelas conversinhas comuns. Pude ver ainda, um imenso elefante com tromba relativamente pequena para o seu tamanho. Havia desproporção, mas a figura mais parecida, mesmo, era o elefante. Depois um cata-vento móvel muito alto e grande. Forçava as pupilas para ver melhor, mas agora já impossível distinguir; as nuvens não apresentavam nenhuma forma real, e pareciam mais um extenso lençol sujo e encardido, voando...

– Ia me esquecendo de dizer. No mês passado, Pedro quis pedir-me em casamento. Imagine só, não sei o que ele tem na cabeça, ganha somente Cr\$ 2.000,00 cruzeiros e não sei como é que ele acha que se sustenta mulher e casa hoje em dia. Depois, é muito cheio de coisa, todo antigo, condena tudo que é divertimento, não suporta que eu use *crayon*, nem muito batom; imagina que ele detesta as Companhias de Revistas. Eu queria só que você visse a cara que fez quando eu disse que fui à *matinée* da peça “Estou com tudo e não estou prosa”. Tenho uma bruta pena dele. Só porque a mamãe se dá com a família dele, acha que eu devo gostar dele. Eu realmente não o tolero, mas sou amável e naturalmente confundi isto com amor. Creio que não se olha ao espelho, tão magriço de calção de banho que mais parece uma lingüiça. Tem a mania de ser filósofo e estudar a vida dos grandes homens. É todo tirado a Dostoiévski. O que ele tem é complexo de inferioridade. Quando me falou em casamento tive vontade de rir, mas tive pena da cara patética lembrando um personagem fracassado.

Chegou o primeiro ônibus. Fiz ligeiros cálculos mentais e logo soube que não íamos naquele. Meus vizinhos de fila e eu. Talvez no próximo, assim mesmo...

Não tinha com quem conversar. Os meus vizinhos de frente estavam também entretidos numa conversa toda diferente da das outras vizinhas de trás.

– Não, aquele Café Vila Isabel vendi para outro, aquilo não dava nada, muito pequeno e escuro. Estou agora associado ao Armando com um na Haddock Lobo. Precisa aparecer por lá, está muito *chic* precisa ver. E você ainda com o açougue no Catete? Aquilo dá também, não? Não quis mais escutar. Santo Deus, se ao menos pudesse pensar...

O ônibus se foi super lotado. A fila se tornou menor. Quem sabe, provavelmente no outro que chegasse... Não seria nada mal.



### 3

## UMA MENINA LOURA<sup>6</sup>

DESPERTEI feliz e esquisitamente compenetrada, um sorriso desabrochante por ver a beleza da manhã clara, luzente, cheia de ruídos harmoniosos de bichos, lembrando sons musicais num crescendo. Mas não era somente a beleza de alucinado encantamento, era mais do que isto, a lembrança firme de outro dia em outro ano em que me senti útil à vida, em que devolvi a uma mãe que chorava o corpinho convulso de uma criança loura e linda. Naquela data, numa manhã como esta, igualzinha, eu salvara uma boneca clara de cabelos sedosos e longos cobrindo quase todo o corpo e gravara no coração o seu nome pequenino – Léa.

Cheguei à janela para olhar o mar enorme em azul e verde distribuídos por faixas largas e desiguais. Assim de longe era monstruosamente belo e importante. O céu estava coberto de nuvens brancas, longínquas. Dia esplendoroso. Bem parecido, bem semelhante àquele, em que dei graças por haver nascido. Descansei todo o meu corpo encostado à janela e fitei longamente o caminho de barro

---

<sup>6</sup> FOEPPPEL, Elvira. *Uma menina loura*. *Carioca*, 13/04/50, p. 2. (Ilustr. por J. Ribeiro)

vermelho comprido e serpenteado em curvas breves, disfarçadas, local do quase atropelo. Ali, naquele trecho bem em frente, um ano atrás um caminhão viera numa corrida desenfreada engolindo quilômetros, como um bólido que se despenca, e, cego, quase mastigara em suas rodas gigantescas o corpinho frágil e pequenino da menina loura. Onde ela estaria agora, o seu corpo miúdo, os seus olhos azuis, muito azuis, suas mãos meigas, seu sorriso luminoso? Em que parte da cidade? Em que parte do país? Com certeza já a teria esquecido, sua memória frágil como seu diminuto corpo, suas lembranças esgarçadas como fiapos de linha. Mas gostaria de apertá-la nos braços e conversar muitas coisas como se ela fosse uma filha que Deus me desse. Aliás, sentia-me depois daquele dia como se realmente fosse mãe. Um sentimento estranho e completo tomara lugar no meu coração e todas as vezes que me surgia a visão do seu rosto belo como um anjo num vitral sentia uma sensação de enleamento e de amor. Sim. Parecia-me na verdade como se eu tivesse dado nova vida àquela criaturinha, como se a tivesse trazido ao mundo outra vez. E sem querer recorde-me do horror, do medo, do susto e do grito rouco lançado aos céus num desespero de segundos. Fora um segundo e mais parecera uma eternidade. Estava quieta olhando as coisas todas, quando de repente percebi um ruído seco, grosso, vindo do chão, arrastado e poeira... Olhei para a estrada e vi o monstro veloz, louco, em doida carreira, descuidado, e a criança de costas a brincar com os pedregulhos soltos, sorridente numa ingenuidade do perigo. Fiquei aflita. Quanta emoção contida, quanta agonia se pendurando dos sentidos com aquela visão rápida como clarão no céu! E o medo inutilizando minha vontade e uma paralisação instantânea do meu corpo parado, quanto tempo? Nem sei o espaço em relógio que gastei em pensar e nem sei mesmo como agi. Durante o minguado instante medi mentalmente o tempo possível e necessário para atravessar a escada e apanhá-la arrancando-a e trazendo-a para a margem. Eu tremia e um frio agudo como uma lâmina espelhada cortava meu corpo em todo seu tamanho. Mas rápido um impulso louco e novo

brotou e corri... Apanhei-a com um braço e quando consegui volver a mim, estava também caída no chão e Léa chorando copiosamente. Também chorei e ri sucessivamente, um riso convulso de alegria e felicidade. Era como se me tivesse descoberto naquele instante, encontrara enfim um motivo, uma razão para viver. Enchi-me de orgulho e vaidade. Já não era inútil nem minha vida tão vazia e [...] de ações compensadoras para outrem. Inesperadamente encontrei aspectos variados e bons em todos os acontecimentos para mim insignificantes em outro tempo. Tudo tinha um valor diferente. Tive saudades da menina linda...

O mar continuava monstruosamente belo e importante. O céu ainda coberto de nuvens distantes, brancas, muito brancas, e quase correndo num passinho miúdo uma criança loura, de olhos azuis, muito azuis, com um buquê de flores nas mãos meigas. Ela não me esquecera. Como sorria e gritava o meu nome que na sua boca tinha uma beleza rica e era música, unicamente música.



## 4

# INDECISÃO<sup>7</sup>

REGINA acordou radiante. A manhã surgia clara, de céu limpo, a luminosidade do sol invadindo o quarto, chegando até perto do leito. Ficou algum tempo espreguiçando-se feliz, olhando de vez todo aquele pequeno quadrado cheio de móveis e pequeninas coisas, velhas para ela, e belas. Tudo estava impregnado de beleza nova, impossível reconhecer a razão de todo esplendor brotando dentro dela como uma rama no chão fresco, pelo menos assim de repente... Nada modificou sua rotina de vida. Pelo menos, ainda. No entanto... Chegou até a janela e fitou o longe das montanhas ao longe cobertas de luz forte e o mar perto, revolto num azul fechado e amplo. O calor se identificava com a manhã de verão. Afinal, para uma emoção, um estado de espírito diferente, nem sempre existe uma fonte, compreensível. Não importa, dizia-se saber. Um motivo para qualquer coisa, absurdo, somente para os medíocres, os que compram tudo por um preço estipulado. Não para ela. Bastava sentir-se feliz. Porque sonhar, rebuscar, triturar-se em buscas? A felicidade tão rara, tão nova como fresta de luz sob superfície, invadira o ser, tornando abafadiços os sentidos e os

---

<sup>7</sup> FOEPPPEL, Elvira. Indecisão. *Carioca*, 25/05/50, p. 6 e 58.

nervos, tão importante, que bastava senti-la sem estranhar. Porém, difícil acostumar-se logo. Sensação tão intensa e absorvente, impedindo uma respiração normal e uma visão normal e uma conversação normal, impossível. Teria mesmo que gritar alto para todos, que importava julgarem-na louca? A felicidade era mesmo louca, sem lógica, sem austeridade. Por que se impedir de pular, de espichar o corpo, levantar-se nas pontas dos pés como a querer subir mais, crescer mais, e cantar, falar para si mesma, ou para as árvores vistas da janela, ou para o pássaro que se acomodava manso no galho ou para as galinhas e perus bicando a terra no quintal, ou para aquele córrego murmurando monótono, igual, uma idêntica história desconhecida, ou ainda para as nuvens tão distantes, tão brancas? Por que afinal? Aquele instante recambiava vida profunda, intensa, forte. Chegou ao espelho, oferecendo-se de corpo inteiro à reflexão. A camisola comprida envolvendo toda a imagem, fazia lembrar uma figura da Grécia antiga. Olhou-se demoradamente com vaidade, com volúpia. Passou de leve as mãos longas e magras de unhas rubras, sobre seus cabelos compridos, louros, macios. Sentiu o calor dos fios impregnar-se na epiderme dos dedos e gostou de ficar acariciando seus cabelos descuidados e vaporosos do sono de antes. Enquanto se namorava ao espelho lembrou-se do encontro às dez com Roberto, em frente, na praia e sentiu como se o mundo não tivesse futuro, não fosse mais longe que aquela hora. Parecia a vida tão grande de tempo. Tantas coisas acontecendo em cada círculo de vida. Para ela, nada, a não ser uma espera de minutos e um encontro. Um homem que surge e que fica no pensamento e desperta imaginação e raciocínio penetra no instinto, derrotando uma normal indiferença. Um homem que se desconhece durante 25 anos e de repente se apresenta velho e antigo como cada fio de uma cabeleira, e que, dizendo palavras usadas e gastas tantas vezes, formam um plural, contudo vida nova como certos brinquedos para crianças, com suas variadas faces em desenhos diferentes formando conforme o uso de cada face, uma paisagem outra, completa. Regina pensou em seus anteriores dias

e o que pensava fazer de sua vida. Calculara tudo, organizara planos, se refugiara em pesquisas e buscas tentando uma aprendizagem mais rápida de fatos, de acontecimentos, do que de símbolos e quedara de um minuto novo que brotara assim sem espera, sozinha, largada dos ideais passados, afastando seus orçamentos prévios para o futuro, destruindo-os quase, apressada, sem medo. Nenhum receio de começar tudo de novo, de pensar tudo, de imaginar uma outra possibilidade, um outro caminho diferente. Sentia-se somente, assim, como alguém que perde de rápido uma fortuna e vê-se cercado, apenas de objetos e figuras raras, trazendo presente a certeza da riqueza que existira e os bolsos vazios e os cheques sem fundos. Mas não havia desespero. Talvez não fosse real aquela comparação. Alguém que perde uma fortuna se desespera e se alucina pelo menos durante dias, durante horas. Não era bem assim. Mas que importava saber afinal como se sentira e por que se igualar a alguma coisa para compreender? Estava começando novamente. Disto tinha consciência. Começando. Sem quase nada do passado. Mas sem mendigar, pelo contrário tudo surgindo inesperado; era só pegar, segurar. Um pequeno esforço, bem pequeno mesmo. Roberto era o mais importante dentre as coisas novas. Aliás, fora o pivô para a principiar. Deixara tudo para trás depois que ele aparecera, sem pretensões. Quando se decidiu a ouvi-lo, soube logo que o passado e aqueles grandes planos arquitetados com precisão, não tinham razão de ser, eram nulos de resultado pobremente estudados, pobremente ruídos e falhos. Não disse nada para ninguém. Afinal, nenhuma criatura soubera da existência daqueles planos. Nem ela mesma (reconhecia agora) dera importância e se aferrava à estrutura deles. Apenas pensara que eles tivessem futuro e se realizariam como a construção de um edifício que obedece e segue fielmente as linhas de uma planta. Pensou então que o amanhã, sem expectativas e sem preparos era melhor, mais vivo, porque espontâneo, como mato nascendo à chuva, sem cuidados. E como poder traçar um caminho, com clareza, como um risco de lápis, num papel branco desenhado uma

reta? Não era dona de si mesma nem do seu destino. Ninguém se governa como a um barco no mar, nem conhece de antemão as artimanhas dos acontecimentos que brotam a cada hora, seguros e firmes como rochas granitadas. Que tola fora tanto tempo, quando alimentara sérias convicções com relação a seus planos. Parecia-os tão perfeitos e tão facilmente entregues em suas mãos. Que primeira coisa modificara ou melhor dera o primeiro arranque abalando o alicerce? Ou fora o inopino como um furacão que destrói em minutos? E por que somente nesta manhã tivera certeza do fracasso daquelas histórias inventadas para sua vida, trazendo forma compacta para os seus dias novos? Roberto apareceu de repente. Não cogitara nunca de sua presença, nem de sua chegada. Ele não se integrara nunca, nem em parcela pequena na soma dos seus planos. A princípio quis reclamar a intromissão que modificaria o resultado, o total, pelo acréscimo. Mas faltou-se de força, convicção, sei lá. Ele foi ficando, mais um dia, mais uma tarde, mais uma semana, e sem imaginar no prejuízo que acarretaria para a execução da sua história. Agora resolvera abandonar seus planos arquitetados em duros anos e que já se acostumava com a idéia de começar tudo outra vez, diferente, sem lógica, para ela, pensava enquanto Roberto fora inocente naquela destruição. Não sabia nada, o coitado, tinha uns olhos grandes, fixos, pensativos e mãos paradas. E falava de leve, seguro todavia, como se falasse para ouvidos novos que desconhecem na íntegra sua linguagem. Com soberba paciência. Ela escutava e cada palavra que surgia lenta como gota pingando de uma bica bem no alto e apagando um detalhe, uma face, uma linha de sua história inventada, criada e organizada por ela, para si mesma, sem lograr da influência dos que passam raspando por nós, e ao fim de semanas, estava tudo destruído, sem vida e mesmo sem compreensão – pensou naquelas pessoas que morrem e ninguém sabe afinal por que elas viveram mesmo. Regina suspirou alto e foi até a janela olhar o movimento colorido dos que se achavam na areia, para o banho de mar e achou beleza na diversidade de cores e de tamanhos

daquelas figuras móveis, distantes, desconhecidas, cada uma obedecendo a um destino seguindo uma história desigual. Daí a instantes ela estaria ali entre aquela gente toda, buscando um rosto amigo, procurando um homem que lhe era tão importante como a vida e a saúde do seu corpo. Mas alguns minutos somente. Estaria perto do mar gigantesco, cabeça sobre a areia, olhos fechados para a luz, músculos, estirados, forçados, imprimindo forças, calor invadindo todos os poros, queimando-os, crestando-os e poeira futura. E também silêncio porque ele ainda não teria chegado. Sabia que o barulho confuso das vozes espalhadas, distantes, não destruíam o quieto silêncio de seus pensamentos repousados na espera. Imaginou a chegada brusca de Roberto e o carinho das primeiras palavras ditas. Depois a preguiça do corpo grande deitando-se na areia branca e o fechar dos olhos lenta e sossegadamente, e o sorriso constante, enorme, fugindo da boca fina, alargando-se, invadindo todo o rosto vermelho, de vários sóis. Gostava de antecipar sua presença, imaginar todos os detalhes sem mentir ou exagerar e conseguia de uma forma quase perfeita. Em uma outra manhã ouvira uma narração estranha terminada em tragédia da vida de um amigo seu e o arremate e a conclusão que ele dera por fim:

– A vida começa cada manhã. Impossível o desespero, o ódio quando se crê nisto. Infelizmente meu amigo foi sempre um precipitado, rolava entre fracassos de braços pensando numa dor menor, não imaginou um possível equilíbrio nem tentou aceitá-los de pé. Achou mais fácil um suicídio, achou mais rápido. Até hoje não consigo esquecê-lo e serve-me de exemplo, todas as vezes que me sinto aniquilado por uma injustiça. Creia, Regina, nada pior do que uma injustiça humana, mas nunca se deixe abalar demasiado por ela. Não conseguirás observar as causas que lhe servirão de estudo para sua subida, depois da primeira tristeza.

Saiu da janela e desnudou-se. Dentro de um maiô vermelho de cor viva e sangüínea aproximou-se novamente do espelho e percebeu a juventude do corpo, assustada e inquieta. Procurou embelezar

a boca alargando com o batom os contornos dos lábios e parecia-lhe distante o tempo que lhe era indiferente a forma do corpo e o aspecto do corpo. Da sala de jantar ouviu distintamente a voz de sua mãe, uma voz bonita e moça ainda.

– Minha filha o café está quase frio. Que fazes tanto tempo?

Aprontou-se com certa pressa e chegou até perto da mãe e beijou-lhe o rosto rosado, livre de rugas. Depois, sem poder controlar-se perguntou?

– A senhora é feliz, nunca desejou permanecer solteira, nunca imaginou uma independência total, prolongada sem graves obrigações diárias? Olhou bem de perto os olhos claros da mãe e percebeu o sorriso meigo.

– No meu tempo aprendi que a maior ventura para uma mulher é ter um lar feliz e ser mãe várias vezes. E por isso, minha filha, nunca pensei na solidão como recurso de felicidade e como me casei muito cedo me senti sempre casada. As recordações que me sobram sem o matrimônio são muito poucas, da infância num convento, depois dos preparativos do enxoval, poucos sonhos. Por que me fazes esta pergunta? Tens medo do casamento? A mulher só tem receio quando não ama o homem com quem se consorcia. Procurou tranqüilizar a mãe, rindo alto, (um riso esgalhado, alto, caricaturado) e sentou-se à mesa, engolindo rápido o café. Pensou com violência em Roberto. Seria melhor casar-se, para viver em todo o futuro com aquele homem ou permanecer solteira seguindo a essência dos seus planos, procurando vencer cada etapa, sozinha, envolvendo-se de muralhas contra o mundo e seus vícios, forte, ou... Não sabia ainda. Pelo menos quando ficava isolada, sem a presença de Roberto. Era cedo, muito cedo. Queria ter certeza primeiro. Sempre teve medo do casamento, indagava-se agora por quê? Não chegava a nenhuma conclusão, sabia apenas que tinha medo de cavar uma provável infelicidade sem remédio. Única infelicidade sem cura, sem conserto. Ora, mais algum tempo, tudo se soluciona com o tempo. Contudo não gostava de esperar, esperar muito para saber. Regina lembrou aquela emoção rica

do despertar, aquela sensação irradiante e nova de instantes antes, não era possível deixá-la escoar e esquecê-la de repente. Queria estar feliz. Como do começo da manhã. O dia estava tão lindo. Não se deixaria levar por movimentos de indecisão, lembrando ondas largas batendo na praia consecutivas. Precisava decidir-se. Roberto ou sua solidão de sempre, de agora. Se não fosse medo dos anos vindouros, poderia quase afirmar que ia ser feliz, muito feliz, com Roberto. Ele era tão bom, alegre, e tratava-a com uma ternura jovem, como se lidasse com uma criança a quem se diz tudo sobre as coisas. Regina se sentia bem, aprendendo em cada instante uma coisa nova. E aquela dependência que surgia, aquela entrega de problemas e aquele descuido, podendo viver encostada, confiando, sem cansar-se, era bom, era novo para ela.

Enquanto esperava que o relógio desse horas ficou arquitetando o que diria a Roberto. Há muito que ele exigia uma resposta segura e firme a que ela protelava, querendo saber mais... Nesta manhã procuraria deixar tudo claro e não ia pensar mais. Sua mãe, sua avó, tinham razão. A mulher nasceu para ser mãe várias vezes. Viveria em outras gerações prolongada nos filhos que tivessem. Melhor que morrer sozinha, os pensamentos eliminados, perdidos e todo o futuro morto no sangue extinto.

Olhou a praia novamente. Parecia um turbilhão de corpos misturados, em confusão de gestos soltos, sem história. Talvez Roberto já estivesse lá. Gritou para a mãe, um grito de saúde e de força: – Mamãe, eu já vou. Ao almoço estarei de volta com o Roberto. Espere-nos.



## 5

# AMOR QUE SE RENOVA<sup>8</sup>

ESCOLHERA a mesa de sempre. Ficava bem no fundo, escondida e fora naquele cantinho que se sentira feliz.

Dizia assim no passado, porque as coisas estavam diferentes agora. Tinha que reconhecer que Mário estava mudado; austero, sisudo e rispidez sob as palavras (poucas, resumidas, necessárias a algumas frases vulgares, corriqueiras, de ocasião) e grosseiro. Essencialmente diferente, transformado. Às suas perguntas insistentes (queria saber enfim a razão, o motivo daquele ódio que se desenvolvia nele dia-a-dia com soberbo requinte, com cuidadoso método) Mário apresentava respostas evasivas, cheias de ironia e maldade, e não descuidava do sorriso seco, mordaz, sardônico acompanhando suas palavras.

Eliete estava a saber. Não tentara antes porque tinha medo, medo sabê-lo envolvido com outra mulher, ou ter a certeza de que já estava conduzindo a sua vida fora do círculo em que sempre estiveram juntos durante todos os últimos três anos. Podia estar enganada. Mas a dúvida machucava o seu corpo, cansando-o. Era

---

<sup>8</sup> FOEPPPEL, Elvira. Amor que se renova. *Carioca*, n. 771, 13/07/50, p. 6 e 58. (Ilustr. por J. Ribeiro)

preferível a verdade. Mário nunca faltara a um encontro (embora ultimamente chegasse várias vezes atrasado, dez, quinze, vinte minutos, com desculpas irônicas, estudadas) nem mesmo deixara de a telefonar religiosamente todas as manhãs. Vinha de longe o hábito daqueles telefonemas. Mas isto não queria dizer muito. Quantas vezes no seu quarto, sozinha, após cada encontro, tomava sérias decisões: esquecer, deixá-lo e cuidar de sua vida desligada de tudo que antes os unia e aproximava. O seu orgulho não era demasiado. O amor a mergulhava toda. Era isto. Era uma forma externa tão grande que a tomava e invadia os seus sentidos, o seu raciocínio. Teria coragem esta tarde para saber? Por que Mário a fazia sofrer? Tinha impressão (seria tão bom que estivesse enganada) que ele se alegrava por machucá-la, por vê-la sofrer, num sádico poder de vitória.

Procurou na bolsa de crocodilo amarelo, o espelho para mirar-se. Olhou seu rosto longo tempo. Não gostou do ruge de tom carregado que lhe dava uma impressão cansada e envelhecida. As olheiras escuras estavam bem nítidas, denotando a noite mal dormida. Não pudera entregar-se ao sono despreocupada, seu corpo remexia no leito inquieto, numa insônia longa de horas. Somente a boca estava bela, cuidadosamente pintada com pincel. Gostava de sua boca cheia, séria, sem sorrisos. Rude, nervosa, sensual. Tentou melhorar o aspecto do rosto e resolveu passar um pouco de pó claro com esponja, que destruiu aquele tom carregado das maçãs. Era preciso fazer alguma coisa – o nervoso chegava já, fazendo tremer seus dedos longos e magros. Apanhou o *crayon* castanho e desenhou toda a linha das sobrancelhas, avivando a curva natural e sua aparência se tornou mais natural e jovial. Não precisava olhar o relógio para saber o que ele atrasava mais que das outras vezes. Preferia até dominar os olhos para não saber exato sobre os minutos que passavam depois das seis. Combinara ali, naquele bar. E falara bem claro. Para não se preocupar, imaginou a dificuldade de condução para aquele trecho. Atraso no escritório. Impossível convencer-se, um sorriso triste e infeliz brotando todavia.

Quantas vezes, ali mesmo, naquele lugar ele chegara correndo, sorridente, apressado, antes da hora. E sempre a encontrara. Costumava chegar adiantada, a inquietação destruindo a calma e o desinteresse antigos, e inútil querer esperar a hora exata para ir, acreditava mesmo que em todos aqueles três anos ela sempre chegara adiantada dez, quinze minutos. Teve vontade de chorar, não um choro copioso, ruidoso, pesado, mas um choro silencioso, de poucas lágrimas deslizando pela face magra. Não era muito bela. Nem feia. Mário merecia uma mulher mais bonita. Outra mulher, dessas de tipo aristocrático, finura de gestos e atitudes, parecidas a uma estátua de mármore bem trabalhada. Uma beleza mais forte, igual, sem desmaios ou quedas como a sua, após horas e horas de um trabalho contínuo, ou certas manhãs de noites mal dormidas. Ela era muito pouco. Apesar do seu rosto não ser vulgar e sólido, a multibildade emocional, tornando-o interessante. Mas pensava sempre, que Mário merecia muito mais: contudo não se convencia, o sofrimento difícil de ser aceito. Ela o amava, com impetuosa sofreguidão e necessidade de presença, que fazer se não ir ficando, mais e mais... na esperança...

Enquanto ele não ferisse sua sensibilidade... esperaria... Então confiava no seu orgulho que tornaria possível o esquecer. Seu orgulho era sua única chance de salvação. Confiava em si mesma. Não era daquelas abnegadas que mendigam amor e se humilham. Teria mesmo certeza? Indagava-se agora agoniada, insatisfeita naquela espera. Poderia realmente controlar seus nervos? E como se comportaria quando o momento chegasse? Olhos enxutos, sem lamentos, sem lágrimas, sem gritos? Oh! Por que os homens mudam como os ventos? Por quê?

O garçom, um rapazinho louro de olhos de um azul vivo, chegou perto e indagou:

– A senhora não vai querer tomar alguma coisa enquanto espera? O sorvete de manga está muito bom. O de abacate também. Ou prefere um refresco de groselha?

Pediu o sorvete de manga. Queria estar só. Ver-se livre de estranhos.

Qualquer pessoa irritava-a, não suportava nenhuma presença nestes instantes de agonia e de espera. Horrível. Parecia que alguma coisa comprimia forte dentro dela, tomando sua respiração e assim, sufocada, o minuto parecia interminável.

Analisou toda sua história com Mário e concluiu que o mal veio do início. Deu-lhe demasiada certeza do seu amor. Muito zelo. Muita dedicação. E condenava agora aquela sua maneira acomodativa para ele. Era preciso que o deixasse enterrado em dúvidas, para que despertasse nele o instinto da luta. E deveria ter sido vaidosa, exigindo o máximo de atenção e carinho. O homem em geral tem o instinto de conquista renovado, como brotos que nascem em ramos todos os anos. Era um pouco tarde para saber isto. Aliás, sempre soubera, apenas não o aplicara ao seu Mário, julgara-o erradamente, isento desse defeito, feito de uma outra força e uma outra argamassa. Agora talvez ainda pudesse consertar tudo. Por vezes distinguia nos seus olhos escuros que amava doidamente uma chama de agonia e de ciúme por ela, um desejo de um sentimento mais perfeito, como não se lhe bastasse, a sua presença, as suas palavras, os seus beijos. Como se quisesse arrancar um pedaço de sua alma, ou a cópia do seu pensamento mais oculto. Infelizmente descobrira em Mário o complexo do homem enganado, do homem abandonado. E fora por esse motivo que ela se revestira do máximo zelo, e se derramara em cuidados para não exasperá-lo, uma espécie de imposição controlada de confiança e amor. Agora sabia que fora um erro, um grave erro. Mas ele era um torturado, um angustiado, cheio de revolta e ódio. E pensava que amenizava tudo. E no entanto se ela soubesse o quanto havia de obsessão no seu amor, o quanto de loucura, o quanto de necessidade. Se o pensamento tão fiel e nítido, tão firme parecia tratar-se de algo concreto, tão real e vivo. Fora feliz. Impossível negar. Mas sua felicidade fora ácida, como se fermentada de dúvidas, de rancores. Um amor desigual, mais agonia e desespero que alegria. Mas era um amor de luta contínua, o seu amor. Estava, talvez por isso, sempre alerta e infeliz, mas viva como labareda. Do contrário, quem sabe, poderia

estar parada e inútil na certeza. O mundo era vasto, enorme, era preciso mover-se um pouco para se ter idéia de presença naquela imensidão de corpos e objetos. Não existir como uma sombra ou como um mito. Mas a vida tão intensa metia medo... O seu corpo parecia frágil para tanta vida. Somente o cérebro retinha o absurdo de tudo e controlava o desequilíbrio e deficiência dos sentidos e dos nervos.

Eliete olhou para a rua. Em frente um ônibus estacou. Era ali um ponto de parada. Duas mulheres saltavam, eram bonitas, muito bonitas. Seguiram em frente e logo as perdeu de vista. Atrás, saltou um velho compenetrado, esticado e enrijecido dentro de um terno de feitio de anos anteriores. Depois... (seu coração parecia saltar dentro do peito, tal a violência das pancadas e as ouvia distintamente como se fossem pontos de madeira batendo uma figura oca). Um homem, alto, todo de cinza, o rosto fechado, caminhando em frente em sua direção. Não era um estranho, embora não soubesse explicar por que Eliete todas as vezes que o via logo de início, sentia esquisito temor como diante dum fantasma. Mário desfigurava aos seus olhos. Enxergava muitas faces através seu rosto crespo, de pele queimada.

Suas primeiras palavras vieram naturais – Que alívio! Não notou aquele sarcasmo e ironia que a irritava, tão desapropriado muitas vezes. Estes ônibus cansam qualquer indivíduo por mais paciente que seja. Breve, minha menina, terei o meu carrinho e não a deixarei meia hora esperando por mim. Sou um bicho feio, não? Será que me queres realmente, com todos esses defeitos? Enquanto falava procurou beijar de leve os dedos longos e magros de Eliete. Sofrera tanto aquelas últimas semanas e tudo parecia volver como antes. Mário chegara tão bom, tão meigo, tão velho, Mário de seus primeiros tempos. Lembrara-se de um velho pensamento seu, quase pedagógico, quase educativo, que a ajudava nas suas crises demoradas de tristeza e de revolta contra o destino. Nunca desesperar, cada minuto traz vida nova, tudo se renova, mesmo as coisas gastas, deterioradas.

Sim. Tinha razão. Parecia que o seu amor se renovava como velhas plantas durante a primavera... E era bom viver, assim, feliz, de uma felicidade calma. Sentiu que as lágrimas desciam rápidas pelo seu rosto. E não era possível ocultá-las de Mário. Mas ele compreenderia. Sem ironia. Sem maldade.



## 6

### O PRETINHO JOÃO<sup>9</sup>

DECIDIDAMENTE eu não podia esquecer o menino preto, como pedaço de carvão que todos os dias passava por mim com um sorriso grande na boca estreita, mastigando umas mesmas frases de palavras usadas e velhas como os molambos de pano que os vestia. Quase à mesma hora, de tardinha, ele saltitava sobre o calçamento reduzido da rua pequena, equilibrando uma trouxa de roupa, enrolada, quase sempre, num papel grosso amarelo e os seus pés nus deslizavam como os de antigo bailarino num palco encerado. Desde a primeira vez que o vi, gostei da sua cara miúda, muito negra e brilhante, onde os olhos enormes destacavam-se, sem esforço do resto, tanto de arregalados, ostentando o branco da córnea numa insolente curiosidade. A mim me parecia isto. Ele me olhava muito, sempre sorrindo, mostrando dentes brancos e pequenos, amontoados numa dentadura incerta. A princípio só fazia me engolir com os olhos buliçosos e inquietos sem dizer palavras. Eu também sorria involuntariamente sem quase me aperceber, e deixava que ele continuasse o seu caminho sem indagar nada.

---

<sup>9</sup> FOEPPPEL, Elvira. O pretinho João. *Carioca*, 31/08/50, p. 3 e 58. (Ilustr. por J. Ribeiro)

Estranhava os seus pés descalços, e as suas calças rotas mostrando pedaços de um negro forte das pernas compridas e secas como caniços... Sempre aquela mesma roupa remendada em algumas partes e verdadeiros fiapos mostrando buracos em outros lugares. A sua cabeça raspada, completamente raspada, parecia um coco descascado, muito redondo, expondo-se ao sol e às chuvas, diretamente. Nem sei mais, qual a tarde em que ele passou por bem perto de minha porta e disse suas primeiras falas: “Oh. Moça, inhora é muito bonita. Parece uma artista”. E mais alto, um gargalhar sonoro completando a mímica dos olhos e da boca estreita.

Eu não disse nada, mas sorri, feliz. E desde essa tarde todas as vezes ele me dizia sempre alguma coisa, alegre, saltitante e como um cabrito montês. Algumas vezes eu guardava um pedaço de doce e algumas frutas para ele. Então, só faltava me beijar e me lambuzar toda, com seus abraços de corpo inteiro. Em troca ele me comprava um jornal, ou revista, na esquina da rua e me dava recados no armazém. Assim nos tornamos amigos. Quanto tempo nem sei, tão pouco me incomodo com datas e com o desenrolar monótono dos dias e dos minutos. Aos poucos fui sabendo sua história – na vida, cada um tem seu pedaço de história própria, diferente, aguardando seqüência e modificação – era órfão e devia ter seus doze anos, nunca vira um retrato do pai, nem mesmo da mãe, desaparecidos num incêndio numa fábrica de chocolates. Ficara com seu tio Pedro, que desde o começo gritava para ele, ordenando sobre as grandes ordenações – muito trabalho para agüentar a vida, desde as compras da rua, até o carregamento de roupas sujas para a madrastra Eufrásia lavar. Era madrastra, sim, porque se acostumara a chamar o tio Pedro de pai (só depois de crescido viera ter conhecimento do fato, quando zangado o tio Pedro dissera resmungando – não estar disposto a suportar a “carga dos outros”).

Chamava-se João e me dissera muitas vezes que fora a primeira vez que chorara. Parecia que o mundo ia se acabar para ele, tanta dor bulindo no coração. Depois se acostumara e dizia assim: Ó moça não adianta a gente recriminar, tudo sai dum mesmo jeito. Eu cá

tinha vontade de sair deste cemitério de rua, mas de que adianta, tenho mesmo que agüentar. O melhor mesmo é ir tratando todo mundo bem que a vida corre bem... Não acha, moça?

Cada vez que eu conversava mais com o pretinho João me convenia que nas suas frases diárias com um pouco de retina no abuso das mesmas palavras se encerrava uma grande filosofia que nós, grandes e brancos, podíamos seguir...

Duas semanas decorridas e nem sombra do preto João. Onde andaria o menino de pele retinta e olhos esbulhados numa interrogação constante, com tantos sonhos na cabeça raspada lembrando coco descascado? Conseguira fugir do “cemitério de rua” como ele chamava a viela onde ficava a casa do tio Pedro e da madrastra Eufrásia ou estava doente de febre, quem sabe, a doença entrando pelos pés descalços firmados nas lamas e no calçamento escorregadio e luzente quando as chuvaradas desciam no inverno? Quem poderia dizer? Eu não sabia onde ele morava...

No entanto quando as tardes chegavam com luzes avermelhadas para o lado do céu poente eu tinha saudades do pretinho João de alma branca e de sonhos rosados...



7

## SEMPRE O AMOR<sup>10</sup>

O AMADO chegou quando já não o esperava. Minha surpresa foi tamanha que nada pude ofertá-lo, nem sequer murmurar duas palavras ou jogar um sorriso pequenino. A primavera já havia morrido dias atrás e as chuvas chegavam quase violentas e devastadoras. Não nego que estivesse triste, mas meus lábios sabiam contar histórias para muitos que acreditavam. Afinal, era jovem e muitas Primaveras estavam por nascer para mim. E sempre acreditei na Primavera e no sol. Contudo, não nego que estivesse triste quando ele chegou. Tão triste que lágrimas brotavam todas as manhãs depois dos sonhos, como orvalho depois das madrugadas. Mas nunca desanimei. Eu sabia que Ele haveria de chegar um dia qualquer, numa hora qualquer que se transformaria de repente num melhor dia, na melhor hora. Mas sofri. Muitas Primaveras. E vi morrer muitos dias de sol, sozinha, olhando o Crepúsculo descer, trazendo penumbra para minhas pupilas ainda ávidas de claridade e luz. E assisti muitas vezes aos romances dos outros revestidos de Poesia oh dor. Mentira quase sempre. Chorei por histórias desfeitas e caminhava sozinha meus dias

---

<sup>10</sup> FOEPPPEL, Elvira. Sempre o amor. *Carioca*, n. 782, 28/09/1950, p. 3. (Ilustr. por J. Ribeiro)

longos de fadiga e suor. Mas cada vez que nascia uma manhã com sol quente, eu voltava a acreditar na vinda do Amado. Entoei poemas para o ar, olhos voltados para o céu, recitei versos para o lado e para as flores e continuava esperando... No meu coração poucas canções nasciam, canções que morriam comigo, demasiado belas para o mundo. Meu corpo que refloria guardava-o intocado para Amado. Passaram-se anos. Desapareceram Primaveras. A esperança diluía-se pouco a pouco como líquido que evapora no espaço. E um dia Ele chegou. Não havia sol. Não havia luz. E logo soube que qualquer dia, que qualquer hora pode ser a hora do Amor.  
...e o Amado chegou quando já não esperava...

\*\*\*\*\*

A criança soltava balões no ar. Sorria em algazarra. Cantava inconsciente canções inventadas. Sons partidos, estropiados. Palavras perdidas, gastas, remendadas. Olhar vivo, iluminado, alegria crescendo em cheio. Um sorriso que se alarga possuindo toda fração do rosto belo, o brinquedo que escapa das mãos e se vai para longe, sem danos. O choro que não existe e o coração que grita feliz aos quatro ventos: Papai, mamãe...

\*\*\*\*\*

Uma prece que escapa de lábios humildes, enrugados: – “Deus, tende piedade de nós”. Um soluço que cresce e se desgarra e desce em lágrimas pelo rosto. Passado que brota importante trazendo medo e pânico. Palavras em surdina que murmuram orações e que confessam culpas. Pequenos que vêm à tona, em ritmo de nojo e vergonha. Mãos que se juntam trêmulas, agarradas sobre o peito, desequilibradas e acompanham mudamente a meditação dentro da noite escura. A velhice que cobre um corpo que viveu muitos dias, que sofreu muitas horas. Desengano que chegou violento como um furacão. E o Amor, sempre o Amor resistindo em preces aos céus: – “Deus, tende piedade de nós”.



## 8

### ROTINA<sup>11</sup>

OUVIU distintamente a voz do marido, que vinha do quarto, muito viva e entusiasta. Sentiu uma dorzinha espremida no coração – (era tolice não estar alegre), e desejou fugir dali, ir sozinha dentro da noite viver somente em lembranças; mas respondeu, numa voz pausada e clara:

– Sim, querido, não esquecerei de colocar os cinzeiros em cada mesa. Acredito que basta a quantidade do Gin, – somente os Figueiredo e o Santiago Alencar o preferem ao uísque. O quê? Vou já, sim ele deve estar em cima da penteadeira, mas deixe que eu mesma apanhe.

Fez um último arranjo na jarra grande, procurando destacar

---

<sup>11</sup> FOEPPPEL, Elvira. Rotina. *O Cruzeiro*, n. 03, 04/11/1950, p. 123. (Ilustr. por André Le Blanc)

os cravos, das rosas grandes vermelhas e enquanto caminhava devagar para o quarto sentiu a apatia invadir todo o corpo e pensou um mundo de coisas, confundindo-se, sem saber enfim o que de mais torturante soçobrava. – se valia identificar-se um pouco ao marido, arrastando algum gesto próximo, ou mostrar-se apenas em imagem de formas confundíveis, sorrir em virgindade ou novidade e voltar-se depois. Mas, somente aproximou-se da cama, fez curva ao atravessá-la para chegar mais perto do marido e silenciou, sem fitá-lo. Naquele instante sentiu que seria impossível olhá-lo de frente, perto. Apanhou o alfinete de gravata, pequeno demais em suas mãos nervosas, e segurou-o tão fortemente como se temesse numa fragilidade de queda. ele era como único apoio ao qual instintivamente agarrava-se quase hostil dentro do medo. Por instantes esqueceu o que fora fazer naquele quarto. O marido estava de costas, amarrando os sapatos, ainda sem gravata, naturalmente esperando que ela chegasse para a consumação do gesto antigo, e sentiu arrepio no corpo ao parar estática junto a ele, imaginando, quase perdida num caos de revolta e inquietação o momento em que ele se virasse para ela, empertigando o pescoço esperando a gravata.

Dentro do quarto, sentiu-o absolutamente desprendido, linear, sem nenhuma dimensão, e flutuante, que se sentiu estarrecer numa paralisação de todos os sentidos; contudo apesar de difícil para seu corpo, aproximou-se mais, sem falar, e seus passos leves os manteve ignorado de sua chegada. Durou segundos, não sabia, o silêncio do marido, logo mais escutou em palavras leves, desprevenidas:

– Não quero um nó muito apertado, o colarinho está maior que o das outras camisas, escolhi a gravata que você me trouxe sábado passado, está em cima da cama. Filha, você sabe como detesto o Alberto mas não pude livrar-me dele hoje.

Ele continuou falando sem que ela conseguisse escutar e entender coisa alguma – confusão chegando, revolucionando suas idéias, toda ela; quase que somente tato, agonia e medo em

emoção intensa lembrando início de desespero, violentando o controle dos nervos tensos e doentes nos últimos meses e quase sentiu lágrimas. Fechando aqueles minutos seus gestos lentos de mãos completam o nó da gravata de maneira cuidadosa. e durante os instantes em que sentiu próximo do seu, o rosto claro e estranho do marido, pensou que mesmo o amor não produz invasão e permanência dum ser noutra, nem assimilação de desejos e vontades e quis um espelho para mirar-se e ver seus olhos e sua boca e saber enfim como a tristeza e a inquietude marcaram sua face. Depois vagamente fitou seu rosto, procurando melhorar a pintura do batom e a linha grossa das sobrancelhas pretas. Percebeu que suas mãos estavam frias, magras e feias, apesar do cuidado último das unhas esmaltadas e brilhantes, longas, exageradas em cor. Foi até à penteadeira e molhou o vestido de perfume violento, perfume francês. – Tinha que fazer alguma coisa, realizar movimentos com as mãos e com o corpo numa necessidade absurda de jogar-se para frente, em importância, trazendo certeza do equilíbrio e de consciência. Levantou sua mão esquerda bem à altura do rosto e quase acariciou-o com seus dedos longos. reparou que a aliança dourada escondia-se pequena por trás de um topázio grande ostensivo que lhe chegara três meses antes, com alguns beijos e planos de viagem.

Ela possivelmente estava sendo má. Quantas mulheres queriam aquilo. Sua vida. Fácil, enterrada no luxo e tantas horas livres... Tudo à mão, até os beijos do marido, se enrodilhando em rotina vindos espontâneos pareciam sem escassez – contudo... Afinal não deixava de ser seu o mundo do marido, aquele mundo maleável de vontades substituídas ao sabor dos impulsos e dos instintos. Assim estragada e incompreendida de se parecer apenas restando em felicidade através de seu segredo, guardado por vaidade e orgulho, de que valia viver, mentir-se em aparências, sempre? Cuidadosa como era sabia que jamais ele descobriria seu mistério, sua inadequação e quedaria sempre ignorado dela e da revolução que enchia suas idéias alimentando aqueles grandes desejos, perigosos desejos de ser livre descalça, sobre campos descampados a colher flores sob chuva ou sol, à toa. Tudo duraria assim por todos os seus

dias, se quisesse. Jamais teria queixas dela. jamais pensaria que ela tinha olhos tristes, e boca silenciosa demais, para sua juventude. Sim, jamais ele compreenderia isto, percebeu olhando naquele momento, tão distante dele.



## 9

### BREVES MOMENTOS<sup>12</sup>

A VIAGEM de ônibus cheio era fatigante e monótona naquela demora e paradas de todos os instantes. Luciana teve vontade de chorar com os pés pisados por um homem alto e gordo. Sua mão doía pela firmeza com que segurava na argola de couro duro e seu corpo a cada jogo do veículo dava pequenos movimentos para frente e para trás, num desequilíbrio nervoso. Todos os dias aquilo mesmo, – a mesma impaciência, a mesma revolta e um desejo louco de morrer se infiltrando pouco a pouco no sangue como líquido injetado na veia. Tanta agonia no coração, tanta tristeza, o mundo tão feio e horrendo, um mundo sem disponibilidade para os sem dinheiro, os sem nome em letras de vitória. Depois do seu trabalho de todos os dias, os maus tratos dos patrões, a má vontade das colegas de serviço por causa do seu rosto pálido, mesquinho, sem beleza e sua maneira de vestir-se sempre igual, constante, em todos os dias, sua timidez, seu medo de tudo, e o ridículo vestindo cada ato, cada pensamento seu. Oh! Quando aca-

---

<sup>12</sup> FOEPPPEL, Elvira. Breves momentos. *Carioca*, n. 789, 16/11/50, p. 10 e 58. (Ilustr. por J. Ribeiro)

baria para ela o suplício de uma vida vazia e pobre, quando poderia sorrir para tudo com alegria exuberante, cheia de felicidade, rompendo do peito com desobediente impulso? Quando chegaria feliz de volta a casa encontrando uns olhos amigos, uns braços bons, um sorriso sem astúcia, quando? Será que todos os seus dias do futuro seriam assim, frios de emoção, sofrimento, cansaço de corpo e maior da alma enegrecida de ódio e de revolta muda contra tudo? Não, não poderia ser... Não podia ser... Gritava qualquer coisa muito profunda, mastigando dentro de si, como picadas na carne. Eram dores tão agudas e finas, doendo, doendo e vontade de chorar, de gritar, de pedir clemência a qualquer coisa, a uma criança, a uma árvore, a qualquer coisa com vida, com sensibilidade. Então agora chegava ao auge... O estômago doía quase todos os dias invariavelmente, quase nas mesmas horas... como hábito velho conservado... Sofria horrivelmente. Durante seis dias na semana bebia um prato de sopa e café, e leite e pão. Nada mais. Carne somente aos domingos, assim mesmo os dois primeiros domingos do mês. Os últimos o dinheiro já não chegava para terminar todas as continhas, do bonde, do ônibus quando tinha mais pressa, dum cineminha do bairro... Cr\$ 4,10. Impossível não poder satisfazer ao menos um desejo, um pequenino desejo que a fazia esquecer as suas misérias do coração e do corpo pequeno, esquecido, sem ninguém. Desamparado. Quantos anos vivendo assim estupidamente, esperando o melhor? Melhor salário? Melhor ambiente? Quanto tempo já, sem pai, sem mãe, sem irmãos? Sozinha? Nunca pensara que a solidão fosse tão pesada, tão rude e tão absurdamente angustiante para o corpo e trouxesse tanto desequilíbrio nos pensamentos, nascendo sem ordem, sem lógica, sem cálculos, confusos, interrompidos, como fios de lã trançados em nós intervalados. Ainda estava longe o seu ponto de parada. E muita gente invadindo, empurrando, apertando-a mais, sufocando-a dentro do ônibus cheio. Impossível agüentar firme. Impossível sorrir para aquela gente toda que pedia desculpas quando puxava a manga do vestido, encostava a cabeça no ombro, batia

com algum embrulho nas costas e pisava com força os seus pés. No entanto, por algum motivo devia ser semelhante a ela, tinha a sua parte de igualdade no sofrimento do mundo e da vida difícil. Todas aquelas criaturas tinham bruta necessidade como ela de ganhar dinheiro, de chegar cedo, de obedecer a regras difíceis. E sabiam sorrir, Deus, com displicência, sabiam conversar alto e dizer chistes e anedotas a qualquer instante e brincavam despreocupadas com as dificuldades dos dias e das noites. E então porque Luciana não podia ser assim, fazer como elas e afastar, jogar para trás, para o passado, aquela revolta seca e muda, consumindo, gastando seus demais impulsos, trazendo inércia e germinando ódio e amargura no coração pequeno? E mesquinho, sim (pensava somente nela), e achava o mundo grande demais e feliz demais para pensar nele com freqüência. A sofreguidão nascia apenas quando se tratava dela. Pensava a todos os instantes (que a todos dava a impressão de viver sonhando, a distância de tudo, como ausente) sobre os seus infortúnios, suas tristezas e fazendo crescer sempre mais, como planta que se aduba diariamente em horas regulares, metodicamente, o desejo firme e duro de morrer o mais rápido possível descansar... De todos. De Eunice, com suas meias Nylon mostrando a todas as outras, aproveitando para expor as pernas belas e maravilhosas! De Fernando com aqueles olhos fundos e aquelas olheiras tão roxas que davam nojo, não sentia dó quando olhava para ele. De Dr. França com seu corpo gorducho, atarracado, procurando esconder e murchar a barriga violenta, forçando-a dentro da calça apertada e do seu sorriso hipócrita e de suas frases veladas, mentirosas, escondendo a mesquinhez e o egoísmo. E ainda e principalmente de Alfredo, com seus ataques de carinho e de sordidez nos corredores e nos elevadores quando sós, suas tentativas de beijos sujos, boca falida, sem lábios, uma saliência de cor mais viva substituindo a boca inexistente. Não podia chamar-se de boca aquela linha fina, sumida, enterrada para dentro... Tinha ódio, deste então tinha vontade de ferrar-lhe os dentes na carne e ver correndo gotas grossas de sangue. Deus,

devia estar tão carregada de rancores, tão poluída de desejos maus que havia de ser triste o seu fim. Tão raro ela ia à missa... Tão raro. Também o único dia que podia ficar mais tempo na cama, descansando o corpo cheio de dores, era o domingo – tradicional para as missas, dia de santidade. Sabia que devia ir ao menos assistir às missas, satisfazer o desejo da mãe morta há tanto tempo. Mas não mais sabia rezar, nem pedir a Deus. Não sabia dizer orações contrita, emotiva, confiante. No seu coração só havia medo, desesperança, revolta e muito ódio... E para que fingir e ajoelhar-se com a alma vazia, sem fé, sem vontade, imitando os outros unicamente? Se havia sofrer mais do que aquilo, então... nada valia, nada, mesmo. Luciana quis olhar para fora e ver se já passavam da praia do Flamengo, mas impossível. Tudo cerrado, tantos corpos cobrindo, impedindo seus olhos de verem além daquele amontoado de carne humana, suada, rígida. Tinha que fixar a visão em algum ponto e pensar qualquer coisa distante do seu passado, de sua vida, gastar um pouco de imaginação, descansar pelo menos alguns minutos sua memória doente, viva contudo, e esquecer-se absorta. Mas, o quê? Sem saber quanto tempo, se um segundo, 30 ou mesmo um minuto, seu cérebro ficou branco, sem idéia, neutro, apagado e liso, como se ela fosse uma nódoa colorida num espaço, enchendo lugar, e nem mesmo quando surgiu a idéia indagadora, formando uma história desunida, disforme do homem que trocava níqueis. Sua voz despertou-a mais um pouco, sem acordá-la de tudo, imersa agora nas perguntas todas que surgiam mudas, enchendo a cabeça de dúvidas, mas de qualquer forma tomando tempo, fazendo-a indiferente a si mesma – Eram tantas as perguntas – De onde viria aquele homem, conseguira fácil aquele emprego, passara fome, não dormira, sofria de insônias, era casado, tinha um filho ou filha, vários, quem sabe? Nunca sofrera um desastre, nunca dissera injúrias para ninguém, nunca zombara de coisa alguma, acreditava em tudo, gostava da humanidade ou vivia unicamente, como um peixe, como um fruto, como uma nuvem? Quem sabe? Parecia impaciente quando procurava sair de um

canto e ir para o outro, já não pedia desculpas, cansado, naturalmente, daquela rotina, esbarrar-se aos passageiros de uma maneira ou outras sem remédio. Tinha o olhar duro e franzia a boca de vez em quando num ricto igual de desprazer. Para Luciana aquela máscara não era de alegria, era de enfado, tédio, qualquer coisa menos alegria ou desprendimento. Será que andava enjoado da vida com ela? Era semelhante, quem sabe, a sua maneira de pensar, pelo menos com relação à estupidez de viver. Nem sequer encontrou uma vez o olhar dele com o dela. Não pode saber se era burro ou inteligente. Não sabia porque mas conhecia as pessoas através da maneira do olhar, fixo, vazio ou inexpressivo. Nunca se enganava e conhecia também os desajustados como ela, sentia qualquer afinidade tão de repente como se tratasse do efeito de uma corrente elétrica sobre a epiderme. Ele devia ser um largado, um coitado, não sabia porquê mas “sentia” isto. Depois, por algum tempo não pensou nele. A cara do “chauffeur” vista através do espelhinho do ônibus ficou-lhe martelando os olhos tanto tempo que gravara já na retina aquela cara feia, medonha, negra, enorme, lábios imundos de grossura, nariz grosso, relaxado, olhos sagazes, argutos, maus. Depois havia qualquer coisa naquele olhar, que falava de crimes, de morte, de não sei quê... Luciana achava que muita coisa na vida dependia de uma face, de um traço, de uma característica num rosto. Por exemplo, aquele, mais dia menos dia (quem dera, meu Deus, que estivesse enganada), ia assassinar a sogra, a mulher, o irmão ou mesmo o colega de serviço, quem sabe, se não aquele mesmo trocador de ônibus? A vida tinha disto. Luciana sabia que aquele rapaz que inexpressivamente oferecia troco, tinha um ar de quem é enganado, surripiado, amassado pelos outros. A gente já nasce com a sina de matar ou ser morto, de comprar ou ser comprado, de mandar ou ser mandado, que não adiantava mesmo tentar nada. Deixar seguir o ritmo da vida, era o melhor. Ela mesma tinha um rosto de mulher solitária, que nunca seria mãe, que nunca teria um companheiro. Não sabia explicar, estava na carne esta certeza. Não que ela tivesse um rosto

indolente, parado, estático como a lasca luzidia de um pedaço de madeira, nada disto, quando se olhava longamente no espelho com calma, como quem se analisa, buscando ver, gostava de seus cabelos longos, castanhos, cobrindo os ombros, em ondas largas e mansas, dos seus olhos quase negros, pequenos mas profundos e brilhantes, de sua boca sensual, que ela tornava maior com o batom, única força no rosto, força indomável, e também das maçãs largas e magras, que davam um aspecto estranho e vivo, vivo demais. Contudo, sabia que era destas mulheres que ficam sozinhas, todo o tempo. Nunca pensara em amar um homem, mas agora seria o melhor que tinha a fazer. Que adiantava viver assim, à espera das coisas, tão enrolada em desesperos e revoltas? Que adiantava afinal um ódio inato, que se acrescia sem fundamento (muitas vezes tinha que reconhecer), se os dias acordariam belos, secos ou chuvosos, as tardes chegariam com brilhos avermelhados nas nuvens para o lado do poente, se as noites também, com seu cortejo de estrelas e às vezes com o brilho maravilhoso da lua serena e distante... irremediáveis? Para ela, para todos... Por que não procurar ser como os outros, aqueles que se machucavam, se apertavam no ônibus e sorriam, de qualquer forma sorriam? Um outro, um velho, um cansado, um perdido, como ela, resmungava. Mas o seu gemido era pequeno diante de tanto riso. De que servia remoer antigos pensamentos poluídos de maldade, incerteza, aumentando o sofrer, a revolta e sua vida se escorregando pegajosa de degrau em degrau, numa subida lenta, de quem engatinha? Os anos continuavam no seu desfile apressado, carregando vidas, trazendo vidas, tudo inesperado, sem avisos. Era preciso ter das coisas que agradassem em primeiras buscas sem pensar demais... Era preciso lutar, não se entregar ao desânimo, consciente e esperançosa de vitória. Tudo tem seu caminho próprio, tudo tem seu tempo. Para ela também. Chegaria, dentro de segundos mais, ao fim daquela viagem. Começaria outra coisa. Depois viriam outras viagens e assim continuamente. Surgiriam novos afazeres e novos hábitos, porque a vida não é mais do que a realização de

hábitos, velhos e antigos e nas entrelinhas um acontecimento, um fato esparso, sem seqüência e... depois a possibilidade de surgirem outros. De repente, que alívio! grande parte dos passageiros saltou. Conseguiu uma cadeira para sentar-se. Faltava pouco, mas não era nada mal, descansar um pouco enquanto remexia a bolsa, a procura da bolsinha dos níqueis. Não se preocupara em trocar dinheiro porque trazia sempre trocos consigo, por isto mesmo, pela dificuldade de abrir a bolsa, o corpo era desequilíbrio em pé. A gente se acostuma com as coisas e procura resolver e amenizar as dificuldades que vão surgindo. Ela poderia fazer isto sem lastimar-se, sem reclamar. Que adiantava, se não trazer amargura no coração e tristeza forte, imensa, cobrindo seu corpo, anulando os poucos impulsos loucos que brotava pela mocidade expansiva? Era bem melhor sorrir para todos, para qualquer rosto, para qualquer criatura, sem indagar, viver sempre, viver melhor, com suas pequenas e restritas possibilidades. Não se conserta um destino nem se muda o seu rumo como se tratasse dum leme de barco. A ademais de pequenas vidas como a sua e de muitos, de que adiantaria mesmo?



10

## FUGA<sup>13</sup>

O Cais estava deserto naquela noite. Fernanda dirigindo-se para ponte de madeira sentiu frio: cruzou os braços, tentando cobri-los melhor – a tentativa resultou falha e inútil, mas não voltou. Os olhos secos fitavam a escuridão em frente e, somente o barulho das vagas altas batendo sobre a ponte desmanchava o silêncio solene. Seus passos tinham um ritmo estranho que partia dos saltos altos tocando no lajedo (ainda não atingira o começo da ponte) e por minutos não pensou senão na música monótona que os pés compunham naquela caminhada, música tão leve que somente os ouvidos, por instantes à escuta, perceberam sua breve existência. O ruído maior vinha das vagas fortes da maré que subia... Apesar destes sons irrealis, a sensação era de silêncio tétrico mergulhando seu corpo em angústia dolorosa. Sabia que seu rosto estava imóvel em quase beleza forte para muitos, mas o que importava no momento era a sensação de presença de batom. Pintara os lábios com pincel, abusando em camadas de cor que a espessura incomodava

---

<sup>13</sup> FOEPPPEL, Elvira. Fuga. *O Cruzeiro*, n. 27, 21/04/51, p. 43. (Ilustr. por A. Pacheco)

quando os movia num desgosto profundo. Desejou passar o lenço para arrancá-lo de vez e de novo ter a boca limpa e suave, mas nada fez. Havia qualquer irrealidade cobrindo-a, ou preguiça que a tolhia de gestos. Somente um caminhar automático e lento... e as idéias que apareciam difíceis e súbitas desenhavam conversas mudas em monólogos absortos, extensos que a circulavam de solidão. As casas ficavam para trás e agora somente a extensão da ponte, de repente seus passos soaram diferentes, eram pancadas ocas na madeira velha. Diminuiu a marcha para fixar toda olhos nos interstícios que separavam as tábuas ligeiramente carcomidas nas beiradas. Nenhuma justaposição como era de se esperar, havia mesmo aqueles grandes espaços entre umas e outras. Não ousaria sequer ter vista levantada do lugar incerto que pisava, vislumbrando então um pouco aterrorizada a superfície lisa e escura das águas, embaixo, às vezes riscadas por brilhos rápidos como faíscas de luz, reflexos de pouco luar. Pensou ao alcançar a metade da ponte que seria melhor voltar. Parou indecisa, mas continuou mais impassível para frente num ligeiro sacudir de ombros. Gostava de ir ali naquele final de ponte quando estava deserta de navios e ficar ereta, rígida, olhando o mar que se levantava em vagas enegrecidas e molhava seu rosto. Quantas vezes já ficara ali, pensando coisas... procurando armar-se de coragem para fugir, fugir sim, para longe, para qualquer lugar desconhecido onde fosse possível nascer outra, – onde seu passado, para os outros fosse uma tela branca, completamente branca, e mesmo para ela, (por que não esperar?) todos os seus dias maus sofressem morte súbita e a vida nova pairasse em alegria e entusiasmo fácil, sobre seu corpo tantas vezes manso, demasiado manso. esqueceria tanta coisa, era necessário esquecer tantos fatos, conseguiria Deus desgarrá-los todos de suas lembranças vivas agora como labaredas queimando sua cabeça? Que era sua vida senão uma sucessão de ciclos de angústia e quase loucura no seu desespero contido, e seu destino sem rumo, estacionado no mal, como pedra num círculo de areia? Fugir... fugir de sua forma definida e clara como visão de luz que a todos identificava-a como pobre

mulher sem futuro, mulher pobre, mergulhada em erro e detrás de tudo, nada mais que anonimato. Anonimato como força que puxasse para o fundo ou para trás... Fugir... do trabalho pesado que trazia somente migalhas de dinheiro que pouco resistia à voragem de suas necessidades. Havia um quente sussurrar de vida dentro dela quando pensava naquela idéia violenta de fuga. Desejo de vencer e encontrar um companheiro que a faria esquecer do seu passado triste e pegajoso no mau como roupa molhada que se cola ao corpo liso. Fernanda estremeceu de revolta e ódio, ódio que começara desde que Cláudio com sorrisos e promessas a lançara no frêmito cínico do pecado e desde então a sua vida não fora mais do que pinceladas de colorido violento sem conduzir à coisa alguma. Como tinha tal pudor de sua vontade e não ser juguete de estranhos, costurava para várias famílias ricas que sabendo sua história abusavam em parcos pagamentos. Ódio que a maculava de falsa e corrompida vontade de viver, ódio que rebelava sua carne contra qualquer rosto contra quaisquer palavras... Com uma das mãos largada na face ardente de íntimo calor, acariciou seu próprio rosto em gesto distraído e fraco. Seu rosto perdia-se em imobilidade. Tudo ao redor parecia de inconseqüente furor distante e por minutos apoiou a testa iluminada pela lâmpada nas suas mãos que tremiam ligeiramente no interior do corpo parado... Pequenas coisas bastariam para que se sentisse feliz. Se ao menos lhe fosse permitido isolar-se da vida dos demais, sem participar em movimentos e palavras, disfarçando sua revolta em sorrisos ligeiros? Mas os olhos sombrios e sérios não mentiam nunca, seu ódio seu desprezo contra todos, e difícil ocultar a força do ódio que sacudia-se para fora em brilhos de luz viva. Perdera já o encanto de mistificar-se, agora somente sobrava-lhe saúde e um pouco de beleza triste. Com profundo sentimento de ironia, lembrou a diversidade de destinos de cada criatura humana. Qual o motivo forte que preservava uns do lodo e da vergonha e da pobreza do corpo e a outros conduzia quase cegamente como avalanche de ímpetos para o abismo de uma vida subterrânea, sem luzes de

beleza como os que afundam feridos numa mina sem cobertura de sol e claridade? Qual a força que orientava nascimentos como guias celestes, um viandante perdido? A onda de ódio fora tão forte desta vez que quase perdera-se em pecado, quase esquecera Deus. De mansinho como a fatalidade de uma alucinação, invencível uma ternura leve que era quase piedade de si mesma cobriu-a de esperança. Pequenos sonhos como pequenos fardos chegaram... E um cansaço que não era físico ficou vivendo dentro dela e dos seus olhos abertos para o escuro do espaço em frente que não era senão água e firmamento...

Procurou um toco de madeira que servia de amarra e sentou-se. Com o volante da saia cobriu as pernas até quase os pés que esfriavam assim perto do mar, mas os braços estavam nus pelo vestido sem mangas, vestido claro de verão... Com ele ficava quase uma menina, engraçado como as linhas de um vestido transformam um corpo. – e vozes de outro dia chegavam agora, vozes sem amor ou ternura, abruptamente engasgadas de volúpia e sensualidade que lhe faziam mal, mesmo agora afastada dos corpos que as identificavam: – Querida Fernanda, este vestido me põe louco, não compreende que não posso vê-la assim, seu corpo desenhado sob a luz? Fernanda, que cor é esta de seu vestido que é como manto de seda sobre sua nudez. – Está linda assim. Minha Fernanda, aparição em rosa ou cravo. Quem falara assim? Sabia lá, tantos, tantos.



11

## AMOR DE MULHER<sup>14</sup>

OLHOU o companheiro sem amor. No momento, ele lia um jornal, completamente presa do silêncio, sem movimentos, apenas um distender muito leve de lábios. Pensou no segredo que aquele corpo de homem guardava somente para ele, e se algum dia seria possível saber demasiado sobre o caminho de vida que tomavam seus passos sem a sua presença. Impossível perceber os acontecimentos importantes para ele, tão cuidadoso dirigia suas palestras. Também sentindo-se ridícula, pensou que a sua obstinação em colher todos os mistérios que envolviam o homem que amava, era infantil e inútil, e tão frágil como o sacudir de gotas d'água

---

<sup>14</sup> FOEPPPEL, Elvira. Amor de mulher. *O Cruzeiro*, n. 12, 05/01/52. p. 35. (Ilust. por André Le Blanc)

dos cabelos. Era fácil olhar para ele. Um sorriso de malícia, veio aparecendo e encostou-se às linhas de sua boca nervosa, mas ele não viu, porque da extremidade da sala, somente o mundo do jornal em sua frente existia, denso e novo como madrugada.

Levantou-se para poder suportar o tempo. Assim tomada de silêncio era dolorosamente infeliz. Caminhou até perto da vidraça, tão de leve que ele não a olhou, sequer por segundos. Lá fora a noite renitente, amadurecia profundamente sensual e deslizante como um viver de gato. Havia escuridão e chuva. E beleza audaciosa, nítida. Sobretudo uma luminosidade artificial, morna e concentrada. As árvores vistas através do vidro eram brilhantes e engrandecidas. Quantas vezes passearam os dois entre os jardins, colhendo folhas e soltando-as ao vento como se as libertassem de uma prisão? Época feliz em que ela não pensava: – Exijo menos do que pode me dar, peço tão pouco como se fosse uma estranha na sua vida? Os olhos perturbados fixaram-se então demoradamente na cabeça do homem, que, sério e ponderado, lia notícias. Agora seu corpo anteriormente parado, inclinava-se ligeiramente para apanhar um cigarro na mesinha e seus dedos magros largaram a folha do jornal para acender o cigarro. Enquanto a chama do fósforo brilhou perto do rosto iluminando-se de uma beleza mais forte e presente, ela sentiu-se corar ofendida e dominada, como se neste instante ele a estivesse traindo com um desejo maior por outra. Percebeu um tremor irritado nos seus próprios lábios e obscuramente um movimento de volúpia indeterminado. Ao mesmo tempo recuava seu rosto como se assim fugisse a um contato qualquer. Simplesmente quis esquecer tudo, sua casa, a figura do homem, a presença das coisas.

Estranhava seu poder interrompido e sua pequena sabedoria em guardar silêncio. Suspirou profundamente magoada e um começo de tristeza e de embaraço tomou seus sentidos derramados sobre o homem. De repente quis desenhar a cabeça do homem, com sua inquieta e embriagada maneira de vê-lo. Mas seus dedos humildes e martirizados de uma sensação de inércia e delicado so-

frimento estavam quietos e lentos tocando a superfície da vidraça. Ela passava os dias lendo, irremediavelmente afastada de seu passado e de seu futuro, melhor dizer dela mesma, e transformava-se numa face solitária sem novidades. Mas quando chegava a noite, havia uma febril sensação no seu corpo que esperava surpreso a chegada do companheiro. Não podia sequer ler um trecho, a não ser fixar palavras ao acaso, sem dar-lhes sentido, sem perceber-lhe o valor e a sua missão. Era como se seus olhos vivos penetrassem naquela região estranha das palavras alinhadas sem comunicar-se com o cérebro; nada mais que um receptáculo de imagens do homem que chegava para ela, esgotado de hábitos diversos, imponderável, sólido e tranqüilo. As horas aconteciam pobremente sem capricho, sem desenvolver um jogo de ânsias e pareciam cercá-la de inconsciência e desânimo. Às vezes falavam, e acumulavam-se mentiras servindo a uma ritual consumação de indiferença. Ela própria resolvera jamais dizer de seu amor que se destruía. pelo suceder dos hábitos contínuos e iguais e que envelhecia rápido num turvo impulso mole e calmo que matava beijos tolos. Para quê? Na verdade ela jamais pensara que pudesse conservar o amor do homem como se eternizasse seus momentos com ele; e mesmo como admitir que dentro dela as ondas de sentimento crescessem e atingissem plenitude e êxtase e sem fugas dominassem toda sua vida, perdendo-a para sua própria identidade. Apenas amava. Apenas desejava, sabendo a queda de sua alma. Mas o futuro era o calendário dos dias, nada mais que números numa folhinha esticada numa parede lisa. No entanto, olhando o homem na extremidade da sala, tinha um vago receio de perdê-lo. Excessivamente frágil, esquecia-se de pedir notícias do mundo indistinto e separado que o companheiro atravessava e isolava-se desapontada, recolhida em áspera e fria insatisfação. Às vezes sorria e beijava-o regressando ao tempo inicial dos dois e quebravam-se todos os silêncios e então ele ria alto, transportado de ingênua credulidade e dizia para ela, lisonjeando-a:

– Minha querida, você quer fazer um cafezinho? Oh! está

muito bonita, demasiado bonita! Sabe que a amo muito, minha pequerrucha?

Ela então sorria vaidosa e jovem como uma menina e pensava: A vida é isso mesmo. esse inconsciente acontecer de coisas inesperadas, estes movimentos de amor sem unidade, dispersos, este repetir de hábitos e de palavras, este silêncio novo e mesmo esta indiferença, a vida é tudo isto.

O companheiro olhou para ela sem transformar-se em alegria e disse, observando sua estreita passividade:

– Hoje paguei a prestação da casa. Daqui a alguns meses, ela será nossa, sem mais despesas. Podemos dar uma festinha e convidar alguns colegas. Você está satisfeita? Isabel me telefonou perguntando por que não apareceu na quinta-feira. Creio que ultimamente você tem se isolado de todos. e tenho lhe achado um pouco pálida. Quer que fale com o Dr. Oswaldo? Venha cá, sinta aqui.

Ela o olhou longamente. Sentiu ferir-se de sôfrega inquietude, como se recebesse um golpe de vento gelado. Havia entre os dois um sacudir de vida contínua que não mastigava surpresas, um inexplicável, misterioso e assustador sentimento de expectativa. Talvez seu amor fosse assim, profundamente magoado, e esquecia toda a realidade de gestos brilhantes e profundos que nunca deveriam ofendê-la, pelo contrário trazer iluminados sorrisos no rosto e doces palavras nos lábios sem velhice.

Caminhou até perto do divã, perplexa, sentindo certa dificuldade em raciocinar, deslumbrava pela proximidade do companheiro, então de olhos fixos nela e quase pesada como se violentamente tocada. Desejou, cheia já de suspeita e prudência, que eles se entendessem, se compreendessem sem falsidade, simplesmente recebessem a verdade das horas que se desenrolavam nuas e rígidas. E principalmente que ela se deixasse penetrar de amor, novamente de amor, para que o momento não fosse perigoso, rude e escasso.

Não sabia a forma rústica de seu rosto que avançava para ele extraordinariamente aceso e esperançoso. Mas ele sorria, já com

palavras, sem silêncio. E o olhar fulgurante parecia encher a sala de uma qualidade firme e de conseqüente renovação.

Surpreendeu-se como tudo se ajeitava de manso e incapaz de falar, e o olhava. A voz dele veio ligeiramente voluptuosa e séria:

– Como você demora, meu bem?

Mais que um beijo, mais que um gesto de carinho, mais que qualquer toque, estas palavras atingiriam seu corpo tão fortemente, tão dormente, que seu antigo desânimo, sua antiga desesperança desapareceram inutilizadas e quando chegou perto e tocou a cabeleira do homem que sorria, ela era tão somente uma mulher, uma mulher cheia de amor.



12

## FRACASSO<sup>15</sup>

ele pertencia a esta classe – uns perdoados de preguiça, ventres cavos aumentados de café cotidiano, narizes esparramando feiúra, duas importâncias no olhar à procura de mulheres extremistas, bafio de laranja e cebola, treze horas, treze horas e quinze, – ele, aperto de mão a quem esteja perto conversando intimidades indignas, quando mesmo o calor dá cócegas e suores ao corpo sorrateiramente nervoso, pecados disfarça atendido de humildade no vício, voz desce fria, consumada.

– ei, como é a venda do boi?

ele responde, orienta, sorri. o outro tem exigências, conversas demoradas, diverso, formal, – já imoral no ódio ele corta diálogo,

---

<sup>15</sup> FOEPPPEL, Elvira. Fracasso. *Leitura*, fev. 1960, n. 32, p. 34, 35 e 65. (Ilustr. por Elena Frassi)

dentes escuros à mostra, intriga ter conquistado tantos nomes feios ontem, hoje, sendo salvo pela cobiça do outro.

flutuava, dignidade nos joelhos, normal na inveja:

– talvez o preço seja bom. espera amanhã. fita o homem que desaparece, sol nos ombros, rugas na face, notas de velhice no andar – sujeira engordar tanto assim de cerveja e feijão preto, barriga articulando cadências ligeiras, adultério nos braços banais – o homem de partida dá aceno seco, curto.

bem perto transmissão de gemidos de gatos em telhados antigos, os ruídos logo se perdem antes de desaparecer o homem, – justificada caminhada dispensando desdém visível do que fica, – tempo escapa, ele acaba-se em monólogo, desanda no íntimo impropérios, lembra miséria, então fraqueja, mania de pacatez – tolhe mãos, tolhe corpo – enfia mãos à cata de dezenas de comprimidos no bolso para dor de estômago, entra cansaço antes da noite, caminha, caminha, coragem de andar, ir ao povoado acertar compromisso. calor, vento imobilizado, oscilante mulher passa, mudamente, comum o silêncio que permanece, fita céu, primeiros pássaros suas pupilas de posse, assusta-se – horizonte fere-se de cor forte, muro perdido dominando estrada, atravessa beco, todos os dias a luta, – LUTA, estes costumes de sorrir e piscar olhos quando precisa dinheiro para jantar, andar contra destino. – para outros multiplicam-se espigas de milho em maio, maio, de roseiras, incubadas folhas no caule fino, elevatório, verde.

capaz de ser artifício o suspiro do menino que se abaixou várias vezes, rouquidão na fala:

– agüente moço – a bola.

ela sobe, burburinho quente no ar a bola em grande avanço está perto.

engole a bola com braços cansados, ambulantes, – depois solta-a em direção do menino, sorriso ágono, informe, grita:

– veja lá se tem cuidado, rápido. segura.

memórias penetrantes se iniciam em desfile colorido. lenço de seda no bolso, correr de brisa, pés em areia molhada – pequenas coisas

protegidas pela exaltação, retângulos completos de paisagem nos olhos, existência de 20 horas em alegria doce, infância domina todo o corpo de hoje, dispendiosa atmosfera de espanto, inoportuna, – chão rompe-se em interrogações e sustos, azar no humano atravessado de meses de fúria e medo, abandono e angústia, – ruptura de estudos, cansaço, então minutos para passear na calçada.

que era isto, “calçada”, não importa, suas férias no campo, sempre no campo, no mato, que era calçada? a pouco e pouco, calçada não importa mais, sua infância foi sua infância, jamais ele terá outra infância, portanto, calçada não existe, fora, fora, – linhas do medo gravitam no corpo depois estagiam.

longe do mar, azaléias, – irregularidades cobrindo face neutra da infância – chuva e beleza aventureira tombando infinitos remorsos, – ele no limiar da distensão apenas enxuga suor, utilidade começada, – distância aparada em agitada espera. o que faz passar horas, passar minutos, gente demais, gente demais, fumando libertina, amando libertina, mentindo libertina, ouvidos em declive, costas fechadas derrubando atitudes levianas, gente demais, deus, gente demais, estalidos macabros, risos, animais em emergência.

ele, mãos cruzadas, alma tarida, rezar ao Senhor – prece lenta, es-pichada, dúvida contra parede clara, amontoa pedidos. está pobre, está só – golpe contra golpe, não ganha mais, – então é isso, está fraco também, não agüenta dor, sentinela construída no pânico, maltrata pouco os demais – culpa de sua verticalidade mansa – então mania de pedir perdão, sofrer o toque do gracejo, ajudar rebuçados motejos angulares a cair no poço de fantasmas menos vis, angustiados, – pois claro, pois claro, ele isola-se do passado, todo movimento de véspera é marcado pela morte.

– good morning, sir. Would you come here, – please, please, homem sonolento fala, fica em espera, sorri escândalo descolorindo-se na sombra, inútil e destemida marcha de compreensão, cair da tarde não justifica peito em camisa de nylon, sem premeditar espalhafato corta areia de sandálias e artelhos nus, siris na sacola, peixes miú-

dos, prateados no fundo do plástico, fala, fala, amontoa palavras, enquanto mais escura ficam nuvens, varandas, ruas.

– outro lhe dê ajuda, moço, mal sei lei. nações inteiras atingem repouso mas eu não posso, não entendo nada.

os braços endurecem, vingativos em desencontros – começa a história, – pensa – estou só, – estala pedaço de madeira, cerra pupilas, evita saudação de conhecidos:

– vontade de dizer: “vão embora”, sabe grosseria, contudo – ela casa-se amanhã, ainda virginal, última madrugada em castidade insone, vaidade espantada nos fios de cabelo.

só de ver passar a luz, morrer transita sem estacionar, – horas procurando dia, amor nada, ele fica louco.

Rústico, com unhas espreita seu ódio à solta, – há um mundo que acaba neste círculo apaixonado – foi traído, – contudo poderoso na dor. transpondo covardia, – ganha independência, um homem importante, outra vez normal, caminha de cima para baixo, de baixo para cima, esquece, o mundo se estreita, consola-se pensando: mulheres há muitas, doce domínio transparente, perde compasso, fica ressentido, dominado outra vez pela lembrança de que ela é mulher bonita, estranha, difícil, fica reduzido à pureza banal de sua infelicidade – tudo tão mesquinho, agora somente lavar mãos, enxugar face acontecida no amor perdido.

tenta agarrar o tempo. desafio. a morte é fato corriqueiro – continua doença nos rins, maledicência sobe pelo corpo, tem o lado voltado para o sol, fim de sol. agonia cede, dispensa conselhos, desdém, mofa, piedade. continua esparramando gentilezas, ele é homem manso, tem fé – claro escuro clandestino em ciumeira citante, eis tudo – joelhos em puritana vigília, ele, ossífero, ousado vezes, vendo minutos declinando, arranja nomes para cadenciar fantasmas, mente – almeja jantar ostras, saladas, esperar, esperar o milagre – ser o noivo amanhã – então outra história herética começando.

pelos arredores, cheiro de peixe, tomate, cachaça –, perto de árvores dá esmolos, vê cair flores, passadas dificuldades menos que bofetada

discussão imprevista, favores, dedos sujos a rasgar a terra enfiando sementes, nova vida, nova vida. ah.ah.ah.ah. louco, pensar que esteja perto o instante:

– Matias, calce sapato. está na hora. a noiva chegou. o padre também.

surpreende-se com sonhos inúteis. a moça já foi cortejada no verão, beijos certos, apanhada em sua beleza, esquisita audácia ele comove-se imoral, desejando seios, desejando ancas, esclarecida secura na alma, empata ódio maior, forte o escrúpulo, o grito, “deixem-me”. está longe o irrecuperável sossego. o íntimo esclarece: – ela é minha. ela é minha, breve assistirá na soleira da porta o desfile vestido branco, véu branco, sapatos brancos, luvas brancas, não. NÃO. ele ocupará outros lugares – a moça está em caminho errado, maltratada um tanto cada história do passado, tem pressa, seus vinte e nove anos têm pressa, o casamento desmaia rebelião, ela depressa dominada pela confiança de amigas casadas:

– não espera Matias. ele é pobre, sem coragem. não viu lágrimas, o que teria acontecido, naturalmente ficou farta, esqueceu depressa, a braçada de rosas, servindo novas ambições, povoada já de quietude, face contra outro dia sem ele, recolhida de choques antigos, vivência agitando outros sonhos, já possuída de libertinos horizontes, olhos em desejo de outros Matias. deprimido, deprimido, ele sobressaía notável na sua tortura, único, único. tinha tantas qualidades como os outros, tantas. com os diabos tudo, casamento, farsa, ódio, amor. ele sorri, protegido da fascinação da rua, golpe sobre golpe, o percurso é longo. a moça, novo endereço no bolso, abraçado de esperança de antes ver morrer a moça virgem do homem noivo – rompe minutos assim, desejando suas palavras de amor na agonia, beijo mórbido, assim o fim. ele, icástico, tímido levando flores ao corpo morto, manipulado antes para o inacessível – sem premeditar a morte surgindo pura, ondeada de segredos, último bramido de gozo a visão da noite – episódio tardio para o corpo sedento de vida – largas vistas às coisas boas de todos os dias – a moça noiva de nudez escondida ainda – morta – verde puro sem pó, verde mais

verde sobre superfície – ótimo, a noiva morta – uma surpresa – há os que têm de morrer cedo, falava para a esquerda, para a direita, se dilatando em erros, incorporando ao tempo, sentimental levado pelas circunstâncias.

a vigília começa. inoportunas frases repetindo-se ao acaso que lindo dia “– que mar”, “que par de pernas”, “que abacate”, “que mentira”, “que história”, ora, ora, tudo engano múndico, engano negro, engano cego.

precisa fazer alguma coisa, criaturas tomam caminho, ele precisa ajudar aquele cego, por quê? dominado pelo ciúme a curva da estrada liberta a voz, grita: ela é minha. voz juvenil assim em tons estridentes, prolongados: ela é minha, ela é minha. o homem passa, inconveniente, só.



## 13

### É PRECISO EXPERIMENTAR A MORTE<sup>16</sup>

– Senhor Francisco?

A voz é de pouco som e pouca melodia, é voz turva.

– Que é Dona Laura?

– Já reparou a cor de seu menino hoje? Não estou gostando desta opacidade marrom.

– É.

Nenhum sorriso. O vento na face incomoda como se fosse pano grosso. Estavam ambos sem jeito, um escrúpulo de repente maior que a voz.

– Ficar assim ao sol será bom?

– Dizem os médicos minha senhora, eu não sei. Suas palavras já eram feitas de ardor e raiva. Perdia sua graça de homem gentil com as mulheres, ele dizia assim com naturalidade igual se dissesse apenas: “veja a cor das águas, verdes, verdes,” – mulher azarada, vestígios de batom nas dimensões da gola branca, “porca”, “porca” – o pensamento é brilhante e rasgado como lâmina branca. A

---

<sup>16</sup> FOEPPPEL, Elvira. É preciso experimentar a morte. *Leitura*, n. 67, jan. 1963, p. 21.

mulher se afasta, sabia que ela rondava o menino, uma obsessão de rir de sua miséria – “é uma velha, nada mais que uma velha gasta” – agarrava-se à cólera, transformava-se apressado em homem ruim, com brutalidade faz pressão com dedos firmes nos próprios braços, o olhar é mais negro e mais amargo, fica a contemplar as costas da mulher que se vai em passo leve como se bailasse patética, sem juventude, um corpo gordo, pouco triunfante que arreda pé numa lentidão fatigada. As nádegas se balançam em grosseiros movimentos – “sua vagabunda”, um desprazer sobe pelos músculos, pelos nervos rodantes e sujos – “sua vagabunda” os cabelos de D. Laura se mexiam rápidos como se rissem alto “não deve ser uma mulher honesta, não deve”. Contra ele a fascinação do prazer, “ela devia morrer” – sim, devia, seria bom ver este corpo parado estas nádegas paradas, estes seios parados, num volume pouco reverencioso, que vai murchar depressa, deselegante e pálido, um corpo gordo e branco simplesmente silencioso – e velho – estava parecendo que sua astúcia dava enjôos no estômago: “estas mulheres imundas” sentiu o coração ficar infeliz, numa dor humilhante e desgraçada “estas mulheres vivas e imundas” eis o mundo.

A temperatura demasiado alta, o verão é áspero, todos os poros suando naquela luz forte. É preciso este sol queimar tudo, transpassar a folhagem dando nova cor, calor inumano e grave, enormes conchas de fogo no chão, um horrível vermelho nos telhados, um horrível amarelo nas paredes. O filho no chão uma cabeça disforme e cega, as pernas mais moles e escuras, cada vez mais moles e cinzentas, inertes na areia como gravetos, então espavorido o pai vai tecendo seu ódio incapaz de recuar mais, neste trabalho de morte. – É preciso experimentar a morte. É preciso. Conserva os olhos abertos, límpidos, secos. Pássaros giram perto num vôo moderado e calmo ele tem o dia todo de verão quente e intolerável presente nas unhas e nos braços tem ainda as imagens de alguns, uma massa densa de estômagos, pulmões, olhos, fígados, pernas, todas estas peças rígidas e falíveis de torturar, de matar. Ter, principalmente este gosto e esta vaidade de tecer às escondidas seu crime, seu absurdo

crime que lhe dará a liberdade sonhada, esta fuga impossível está a desarranjar suas glândulas pastosas, suas glândulas pesadas. Sim a liberdade, a cólera não bastava mais, “eu posso ir bem longe, bem longe mesmo e ninguém descobrirá” – lembra os peixes grandes que engolem os pequenos na sua exigência faminta. “Meus planos serão bruscos e engolirão tudo” – Fitou novamente a cara do filho, lamuriento, e suja, cara inerte e magra, olhos vazios, cegos, sombrios, – fica sem piedade e é um homem que se repete em ódio e maldade.

– Ei, a gente se fere facilmente. Voz anasalada, improvisada, voz de Joaquim, tem cara engraçada, nariz volumoso. – Foi sem querer, a navalha fez cócegas e o corte largo está aí, trazendo dor fina.

– Com certeza, foi pressão maior dos dedos na navalha. O homem desaparece, os passos prudentes no chão.

Ele ia ceder, mais dia menos dia ele ia ceder, já estava ficando cansado, olhava os próprios pés com avidez, ia escorregar, ia cair estupefato, ele cospe no chão uma saliva amarela, cheiro de fumo, – alguma coisa pesada demais sobre os ouvidos, a consciência imunda, a consciência suja, isto tem sua validade mórbida, os joelhos doem, parecem menores cada dia, no andar nervoso, no nadar nervoso.

(Nota da autora: *De um romance em preparo, sem título ainda*)



14

## HOMEM BRANCO NUM MUNDO SEM COR<sup>17</sup>

SOU homem branco num mundo sem cor, pescoço comprido, pele clara, sardas marrons, pequenos círculos como bolhas de sol. Minhas pernas curtas, de inúmeros pelos, barriga proeminente, estômago gordo, meu corpo lembra pressa e descuido, e como não sou vaidoso decoro a Bíblia, símbolos caem e sobem, dia-a-dia, iguais a papéis nas Bolsas de Valores.

Gosto do silêncio dos outros que me ajuda a calar e encontrar o meu, estudo sem método, coisas que me impulsionarão ao equilíbrio, dedos no chão descobrindo sementes. Durmo pouco espiando a escuridão com seus vários volumes e espessuras, por vezes estrias aparecem e são lindas na descoberta. As façanhas do dia não atravessam horas do sono e assim vou construindo um nome, meu próprio nome, fico rindo, rindo, estudando as sílabas, as letras redondas (algumas), sílabas curtas, sim curtas, boas de cantar ou de cuspir.

Não sou importante, nem comer sei bem, andar é bem mais fácil,

---

<sup>17</sup> FOEPPPEL, Elvira. Homem branco num mundo sem cor. *Importante*. 1972. ano XIX, n. 142, p. 10-11. (Ilustr. por Paulo Carvalho)

quando tenho pressa e alguém me convida para amar, para mostrar abismos de um corpo solene ainda para mim porque ainda não descoberto, cuja alma não conversa pa-ta-tá, pa-ta-tá, pa-ta-tá, fico inocente, sempre inocente da criatura que sustenta esse corpo, que me estende a mão, que desnuda seios e nádegas, acho bom, bom demais, os minutos de milagre que extasiam meus negros ossos ignorante também da seqüência que faz explodir lágrimas ou risos. De política eu entendo pouco, votar, votar e algumas leituras de como a indústria e a agricultura acionam o movimento econômico de um país, idéias e processos de uma educação de massas e o comportamento sociológico da fome e do terror, de como a inflação faz menor meu pedaço de pão e do meu vizinho. Assim acompanho as estatísticas, os números tão redondos como o meu nome.

Rezo pouco, do tempo da infância o Padre Nosso, a Ave Maria e o Credo brotam solenes e são retratos amarelos em minha mente. Sendo órfão não ensaiei postura de obediência e o amor filial é assombração de fantasmas indevidos; não fui aluno da ciência, somente louvações comezinhas para diálogo de meia hora com principiantes de alegria móvel. Sou egoísta e com mais três pecados engatilhados nos ombros, e muito orgulho na face que não é fotografada e vista nos jornais e revistas. Sou anônimo, meu corpo não muito limpo no trabalho, o suor como marca presente, nada de salas refrigeradas, eu sendo mais do campo e menos da cidade, espio raízes e cubro raízes, manhãs e manhãs, sob o sol e chuva. Estudo nos livros sobre o clima, o adubo que as fará firmes e as alimentará até a morte inglória. O pouco de geografia que aprendi não me tem servido nada, não me desloco de um país para outro, nem mesmo de um estado para outro, apenas atravesso ruas e ruas, um gosto de ver casas e casas, quintais e quintais, crianças e crianças, árvores e árvores, eis meu mundo. Ah. Como adoro crianças, são todas tão miudinhas, com dentes claros, pequeninos dentes claros, sem joelhos maus, sem axilas sujas, a língua é que é comprida, mas se enrola na boca igual a um caracol vermelho, sem feias palavras, sons musicados como de pássaros. E os dedos? Frágeis,

frágeis e singelos e doces, praticamente sem unhas duras, somente substância morna e mole envolvendo qual clara de ovo pontas de uma carne que não agride. Crianças de um tempo novo (onde meu sonho não aquece) que estão crescendo depressa, depressa demais e que não terão mais que cinco pecados quando envelhecerem, sadias, sadias, a mente sem a grotesca fúria da ignorância. Todas sim curiosas do mundo que lhe aperta costelas, um mundo diferente do meu e que jamais choram sem o acompanhamento de medicamentos poderosos. Oh, as pílulas pequeníssimas com que adormecem nervos impiedosos – na adolescência.

Dançar eu sei muito, eletrizar meus pés no salão, assim como se fosse voar e ser águia escura e generosa de bico claro, voar sobre cabeleiras artificiais e cômodas. De ouvidos bons (de pupilas também) acompanham o ritmo dos sons lentos ou apressados num regime amoroso de escravidão os movimentos perfeitos dos músculos ainda jovens para morrerem de preguiça. A voz, minha voz sim, é pequena, permitindo somente música profana ou hinos patrióticos, voz rouca, baixa, gasta, cansada, e por tudo isto compro sorvetes durante o dia e compro Rum e Gin e Cachaça durante a noite, a garganta amparada pelos graus de calor e resistindo em saúde. Escuto os sábios com humildade, as antenas esticadas ao máximo, as células do cérebro se exercitam em letargia, os conhecimentos pingando em conta-gotas, a inteligência soma devagar cada palavra, dando-lhe significados impróprios e traiçoeiros, a base esquecida no vácuo e uma esteira encorpada sem iluminação apressando cegueira de entendimento. Escuto também os menos sábios, os que viajam, os que matam, os que roubam e ainda, os bons, os totalmente bons que pagam advogados para estranhos já condenados pela pressa e pelo desinteresse. Escuto todos e simplesmente teço elogios aos brutalmente inteligentes vinte e quatro horas por dia (sim, senhores, ainda quando dormem).

Tenho poucos amigos; muitos são cáusticos, pisam arrogantes sobre carnes, unicamente para gozarem olhar rios, pequenos rios de sangue num chão que não limpam nem enfeitam e nem amam,

sim, por isso tenho poucos amigos; não acredito que o número deles cresça já que não sou de muitos risos e sou de pouquíssimas graças, minhas orelhas grandes abertas iguais a abanos claros onde poeira pousa qual abelha miúda. Estou sempre em estado de vigília, para descobrir mais um, carregando brinquedos numa mão e livros na outra, buscando o equilíbrio que preciso para sobreviver junto a uma humanidade de umbigos e cérebros doentes.

Nos dias de domingo fico mais transparente e mais nu e mais só. É quando deixo descansar meu cérebro de suas agudas verdades quando perco a ambição e viro menino de mãos grandes e inquietas sobre um colchão macio. Não aprendi álgebra em nenhum instante, nem química, nem geometria, minha mente fofa assinzinho um amontoado de farinha de grãos minúsculos e coloridos. Ainda tenho esperança, não me julgo um fracasso, insisto na leitura do dicionário que me faz segurar entre os dentes algumas centenas de vocábulos, dia após dia, quando se congelam e ficam estéreis na memória.

Não me casei, estou só onde brilho como uma pedra. O casamento é uma instituição para ricos de paciência e tolerância e minhas unhas são duras demais para os caminhos dos filhos. Então Amém ao escapismo onde finco o corpo que acumula suas gorduras cada ano.

# ANEXO

## Catálogo Foepfel

### 1 Jornal Diário da Tarde

DATA	TÍTULO	CLASS.	FONTE	LOCAL
1. 25/01/44	Inquietação	poesia	n. 4684, folha 3.	Arquivo Público
2. 29/01/44	A grande melodia	“	n. 4688, folha 3.	Arquivo Público
3. 02/02/44	Ânsias	“	n. 4691, folha 3.	Arquivo Público
4. 05/02/44	Egoísmo	“	n. 4694, folha 3.	Arquivo Público
5. 19/02/44	Medo...	“	n. 4706, folha 3.	Arquivo Público
6. 04/03/44	O teu reflexo	“	n. 4716, folha 3.	Arquivo Público
7. 13/03/44	Que minha memória descanse	“	n. 4723, folha 3.	Arquivo Público
8. 20/03/44	Eu quisera...	“	n. 4729, folha 3.	Arquivo Público
9. 28/03/44	Uma obra completa	“	n. 4736, folha 3.	Arquivo Público
10. 24/04/44	O momento supremo	“	n. 4756, folha 3	Arquivo Público
11. 28/04/44	Extroversão	“	n. 4760, folha 3.	Arquivo Público
12. 06/05/44	Introversão	“	n. 4766, folha 3.	Arquivo Público
13. 09/05/44	Louco das ruas	“	n. 4768, folha 3.	Arquivo Público
14. 19/05/44	Aos quatro ventos	“	n. 4776, folha 3.	Arquivo Público
15. 27/05/44	Taça vazia	“	n. 4783, folha 3.	Arquivo Público
16. 19/0744	O outro extremo	“	n. 4825, folha 3.	Arquivo Público
17. 24/07/44	Caminho do Infinito	“	n. 4829, folha 3	Arquivo Público
18. 31/07/44	Sozinha não fiquei	“	n. 4835, folha 3	Arquivo Público
19. 14/08/44	Rapsódia dos ventos ululantes	“	n. 4847, folha 3.	Arquivo Público
20. 05/01/46	Humanidade	“	n. 5258, folha 3.	Arquivo Público
21. 02/02/46	São outros os homens de agora	“	n. 5282, folha 3	Arquivo Público
22. 30/11/46	O poema das mãos esquecidas	“	n. 5521, folha 3.	Arquivo Público
23. 28/12/46	O milagre da vida	“	n. 5544, folha 3.	Arquivo Público
24. 13/01/47	Não há bastante ternura	“	n. 5555, folha 3.	Arquivo Público
25. 26/05/47	Olhos profanos	“	n. 5655, folha 3.	Arquivo Público
26. 12/06/47	Incompreensivo	“	n. 5669, folha 3.	Arquivo Público
27. 17/06/47	Pensamentos	“	n. 5673, folha 3.	Arquivo Público
28. 28/06/47	A lâmpada apagada	“	n. 5684, folha 3	Arquivo Público

## 2 Revista *O Cruzeiro*

DATA	TÍTULO	CLASS.	FONTE	LOCAL
1. 29/05/48	Certeza de amar	conto	Ano XX, n.32, p.19-26 e 34 (único texto assinado Elvira Schaun Foepfel)	B. Nacional/RJ. PR-SPR-00845[1-121] – catálogo
2. 28/01/50	Um estranho voo	“	Ano XXII, n.15, p.115 (incompleto)	B. Nacional/RJ PR-SPR-00845[1-121] – catálogo
3. 04/11/50	Rotina	“	Ano XXIII, n.03, p. 123	B. Nacional/RJ PR-SPR-00845[1-121] – catálogo
4. 21/04/51	A fuga	“	Ano XXIII, n.27, p.43	B. Nacional/RJ PR-SPR-00845[1-121] – catálogo
5. 05/01/52	Amor de mulher	“	Ano XXIV, n.12, p.35	B. Nacional/RJ PR-SPR-00845[1-121]

## 3 Revista *Leitura*

DATA	TÍTULO	CLASS.	FONTE	LOCAL
1. Abril/59	Poema	poesia	Ano XVII, n. 22, p. 41	B. Nacional/RJ ref. I-327,1,14
2. Nov./59	Poema	poesia	Ano XVIII, n.29, p. 28	B. Nacional/RJ ref. I-327,1,14
3. Fev./60	Fracasso	conto	Ano XVIII, n. 32, p. 34,35 e 65	B. Nacional/ RJ ref. I-327,1,16
4. Jan.Fev./ 61	Clarice contista	artigo	Ano XIX, n. 43/44, p. 41	B. Nacional/RJ ref. I-327,1,15
5. Maio/61	Acusado de homicídio	artigo	Ano XIX, n. 47, p. 31	B. Nacional/RJ ref. I-327,1,15
6. Set./61	O poeta Walmir Ayala	artigo	Ano XIX, n. 51, p. 43	B. Nacional/RJ ref. I-327,1,16 // Biblioteca do Instituto de Letras da UERJ
7. Jan./63	É preciso experimentar a morte	conto	Ano XX, n. 67, p. 21	Biblioteca do Instituto de Letras da UERJ
8. Jan./64	Madeira feita de cruz	artigo	Ano XXI, n. 78, p. 21-22	Biblioteca do Instituto de Letras da UERJ

#### 4 Revista *Importante*

DATA	TÍTULO	CLASS.	FONTE	LOCAL
1. 1972	Homem branco num mundo sem cor	conto	Ano XIX, n. 142, p. 10-11	B. Nacional/RJ ref. 4-391,03,03

#### 5 Revista *Carioca*

DATA	TÍTULO	CLASS.	FONTE	LOCAL
1. 02/03/50	O temor de Bárbara	“	Ano XV, n.752, p.14, 58,59 e 62	B. Nacional/ RJ ref. 4-125,02,03
1. 23/03/50	Volta para casa às 6	“	Ano XV, n.755, p.6 e 58	B. Nacional/RJ ref. 4-125,02,03
2. 13/04/50	Uma menina loura	“	Ano XV, n.758, p. 2	B. Nacional /RJ ref. 4-125,02,04
3. 25/05/50	Indecisão	“	Ano XV, n.764, p. 6 e 58	B. Nacional/RJ ref. 4-125,02,04
4. 14/07/50	Amor que se renova	“	Ano XV, n. 771, p. 6 e 58	B. Nacional/RJ ref. 4-125,02,04
5. 31/08/50	O pretinho João	“	Ano XV, n. 778, p. 3 e 58	B. Nacional/RJ ref. 4-125,02,04
6. 14/09/50	Dias de férias	crônica	Ano XV, n. 780, p. 3 e 58	B. Nacional/RJ ref. 4-125,02,04
7. 28/09/50	Sempre o amor	conto	Ano XV, n. 782, p. 3	B. Nacional/RJ ref. 4-125,02,04
8. 16/11/50	Breves momentos	“	Ano XV, n. 789, p. 10 e 58	B. Nacional/RJ ref. 4-125,02,04

#### 6 Publicações dispersas em livros

DATA	TÍTULO	CLASS.	LIVRO
1977	Entrega	poesia	“Poesia moderna da região do cacau” – Org. Telmo Padilha/ RJ: Civ. Brasileira, p. 108-110
1978	O baile	conto	“O moderno conto da região” – Org. Telmo Padilha / RJ: Edições Antares, p. 80-86
1987	(conto sem título)	conto	“Novos contos da região cacauera” – Seleção e Org. Euclides Neto/ Brasília-Itabuna: Horizonte Editora Ltda./PACCE, p. 52-56
1998	Ilhéus-Sol Absoluto e Beleza/ Ilhéus – poema de amor-memória	crônicas	“Ilhéus de poetas e prosadores” – Seleção, prefácio e notas de Cyro de Mattos/ Salvador: EGBA, p. 51-55
2000	O aleijado	conto	“O conto em vinte e cinco baianos” – Org., prefácio e notas de Cyro de Mattos/ Ilhéus: Editus, p. 77-81

## 7 Locais onde se encontram os livros da escritora Foeppe

<b>TÍTULO</b>	<b>CLAS.</b>	<b>LOCAL</b>
Chão e poesia	memória e poesia	Biblioteca do Engenho Novo Agripino Grieco: rua 24 de maio, 1305/RJ – ref. B 869-3 FOE-MUR; Biblioteca Popular da Glória: rua da Glória, 214 – 2º andar, Glória/RJ; Biblioteca Central: rua General Labatut, Barris / Salvador / BA., - ref. 969.93 F68
Círculo do medo	conto	Biblioteca Nacional: Avenida Rio Branco, 219/RJ – ref. II – 159,4,25; Biblioteca Popular da Glória: rua da Glória, 214 – 2º andar, Glória/RJ
Muro frio	romance	Biblioteca Nacional: Avenida Rio Branco, 219/RJ – ref. V – 224,5,22; Biblioteca Popular da Glória: rua da Glória, 214 – 2º andar, Glória/RJ; Biblioteca Central: rua General Labatut, Barris/ Salvador/BA.– ref. 869.93-F 68

Elvira Foepfel, podemos agora verificar, antecipa em seus contos a denúncia de uma certa mística feminina que, nos anos 40 e 50, difundia a idéia de que a felicidade se resumia em ter um marido, cuidar dos filhos e do lar. Afinal, era para isso que as mulheres eram educadas e esse devia ser o único objetivo de suas vidas... Em alguns contos, temos personagens inadaptadas à vida doméstica, insatisfeitas e deprimidas, marcadas pela náusea, pela rotina e o medo da rejeição. São estes alguns dos temas recorrentes nos contos da autora, além da morte, da velhice e das relações insatisfatórias.

ISBN 857455089-2



9 788574 550893